



Personagens

REI HENRIQUE V.

DUQUE DE BEDFORD
DUQUE DE GLOSTER } irmãos do Rei.

DUQUE DE EXETER, tio do rei.

DUQUE DE YORK, primo do rei.

CONDES DE SALISBURY.

WESTMORELAND e WARWICK.

ARCEBISPO DE CANTUÁRIA.

BISPO DE ELY.

CONDE DE CAMBRIDGE.

LORDE SCROOP.

SIR TOMÁS GREY.

SIR TOMÁS ERPINGHAM
GOWER
FLUELLEN
MACMORRIS
JAMY } oficiais do exército
do Rei Henrique.

BATES
COURT
WILLIAMS } soldados do rei.

PISTOLA.

NYM.

BARDOLFO.

Pajem.

Um arauto.

CARLOS VI, Rei da França.

Lúís, delfim.

DUQUES DE BORGONHA, ORLEANS E BOURBON.

O Condestável da França.

RAMBURES
GRANDPRÉ } nobres franceses.

MONTJOY, arauto francês.

Governador de Harfleur.

Embaixadores do rei da Inglaterra.

ISABEL, rainha da França.

CATARINA, filha de Carlos e de Isabel.

ALICE, dama de companhia da Princesa Catarina.

A dona da estalagem "Cabeça de Javali",
anteriormente Mistress Quickly, agora casada
com Pistola.

Nobres, senhoras, oficiais, soldados franceses e
ingleses, cidadãos, mensageiros e criados. Coro.

Cena

Inglaterra; depois, França.

Prólogo

Entra o Coro

CORO:

Se de musa de fogo eu dispusesse
para escalar o céu mais rutilante
da invenção! Por teatro, um grande reino,
príncipes como atores, e monarcas
para a cena admirável contemplarem!
Então viria o belicoso Henrique
tal como é mesmo: qual um novo Marte.
Como cães ajuizados, em seu rasto
seguiriam a fome, a espada e o fogo,
pedindo ocupação. Mas meus amáveis
espectadores, perdoai o espírito
pouco altanado que a ousadia teve
de evocar tal assunto em tão ridícula
armação. Poderá esta pequena
rinha de galos abranger os vastos
campos da França? Ou nos será possível
pôr neste O de madeira os capacetes
que os ares de Azincourt aterroraram?
Oh, mil perdões, que uma figura curva
representa milhões em pouco espaço.
Por isso, permiti que nós, os zeros

desta importância imensa, trabalhemos
por excitar a vossa fantasia.
Imaginaí, portanto, que, reunidos,
contemplais no interior deste recinto
dois possantes impérios, cujas fronteiras
confinantes e altivas, separadas
se encontram pelo oceano estreito e inçado
de perigos. Supri com o pensamento
nossas imperfeições. Cortai cada homem
em mil partes e, assim, formai exércitos
imaginários. Quando vos falarmos
em cavalos, pensai que à vista os tendes
e que eles as altivas ferraduras
na terra branda imprimem, pois são vossos
pensamentos que a nossos reis, agora,
hão de vestir, levando-os para todos
os lados, dando saltos pelo tempo,
concentrando numa hora de relógio
fatos que demandaram muitos anos.
Porque nos saia bem todo esse agouro,
permiti que eu vos sirva ora de coro
e vos impetre paciência expressa
para julgardes esta nossa peça.

(Sai.)

Ato I • Cena I

*Londres. Uma antecâmara no palácio do rei.
Entram o Arcebispo de Cantuária e o Bispo de Ely.*

CANTUÁRIA ·

Milorde, é o que eu vos digo: a lei que intentam
fazer passar é a mesma que no décimo
primeiro ano do reino do nosso último
soberano teria certamente
passado contra nós, se a turbulência
e a inquietação do tempo não tivessem
contribuído para adiar o assunto.

ELY · E ora, milorde, como poderemos
impedir que ela passe?

CANTUÁRIA · É o que é preciso
ser bem considerado. Se esse intento
se realizar, perdemos a metade
melhor de nossas posses, porque todas

as terras temporais que por legado
nos deixaram pessoas religiosas,
nos serão confiscadas. Nestes termos
é a sua avaliação, para a manutenção,
dizem eles, da corte do monarca.
Em números redondos: quinze condes
com seis mil e quinhentos cavaleiros,
bons escudeiros perfazendo o número
de seis mil e duzentos, e, por cima,
para alívio da doença e da velhice
desprotegida, de almas indigentes
e fracas, incapazes para os rudes
trabalhos corporais, uma centena
de hospitais bem supridos, sem falarmos
que para os cofres reais anualmente
mil libras têm de entrar. Eis os seus termos.
ELY · Isso é que é sede!

CANTUÁRIA · Até a própria taça
beberiam.

ELY · E como evitar isso?

CANTUÁRIA · O rei é bem intencionado e cheio
de boas qualidades.

ELY · É um sincero
admirador da nossa santa Igreja.

CANTUÁRIA · Não prometiam isso as estroinices
de sua mocidade. Só parece

que ao exalar seu pai o último alento,
sua selvajaria também nele

viesses a morrer. Sim, nesse mesmo instante
veio-lhe a reflexão, tal como um anjo

que Adão, o pecador, dele expulsasse,
transformando-lhe o corpo em paraíso
reservado aos espíritos celestes.

Nunca um sábio se fez tão de improviso,
nunca a reforma veio numa enchente

assim tão forte, para, em seu decurso,
varrer tantos defeitos; nunca fora

vencida a teima de cabeças de Hidra
com tal facilidade, como vimos

com esse rei.

ELY · Para nós essa mudança
foi verdadeira bênção.

CANTUÁRIA · Ouvindo-o, acaso,
discutir teologia, no imo da alma

desejareis que o rei seja prelado.

Se a conversa versar sobre negócios
públicos, pensareis ser esse o assunto

a que se houvesse dedicado sempre.

Passe a falar de guerra, e uma terrível
batalha vos será narrada em música.

Fazei-o discorrer sobre política,

e o nó górdio do caso ele deslinda

tão facilmente como o faz com as ligas.

O ar, esse libertino irredutível,

quando ele fala, fica sossegado;

o mudo espanto acolhe-se aos ouvidos

dos homens para surpreender as doces

sentenças de sua fala, parecendo

que a arte da vida e sua parte prática

com sua teoria se juntaram.

É um milagre, de fato, como Sua

Graça aprendeu tudo isso, com as tendências

dispersivas de então, os companheiros

superficiais, ignaros e grosseiros.

Passava as horas todas em banquetes,
orgias e desportos, sem que nunca
mostrasse aplicação ou procurasse
recolher-se, ou evitar os logradouros
públicos e o bafejo da gentalha.

ELY · Cresce melhor o morangueiro embaixo
de urtigas; desenvolvem-se e maduram

as mais saudáveis bagas junto a frutos
de baixa qualidade: assim, o príncipe

sob o véu da loucura escondeu sempre
sua selvajaria que, no jeito

de erva do estio, cresce mais depressa
durante a noite calma, sem ser vista,

mas sem parar jamais no crescimento.

CANTUÁRIA · É isso, sim, pois já não há milagres.
Devemos aceitar, portanto, causas

naturais para as coisas.

ELY · Mas meu caro
lorde, como atenuar esse projeto

que os comuns propuseram? Sua Alteza
está contra ou a favor?

CANTUÁRIA · É indiferente,
parece; ou antes: mostra-se inclinado

mais para nós do que para os contrários,
porque eu propus a Sua Majestade —

seguindo nisso a sugestão do nosso
conselho espiritual, no que respeita

a questões sobre a França, ainda em litígio,
que com vagar expus a Sua Graça —

de uma só vez lhe dar maior quantia
do que as dadas até hoje pelas ordens

religiosas a seus antecessores.

ELY · Como foi recebida essa proposta?

CANTUÁRIA · Com bom acolhimento de seu lado.
Faltou somente o tempo necessário

para ouvir com vagar — o que Sua Graça,
segundo percebi, desejaria —

a exposição singela de seus títulos
sobre certos ducados e, de modo

mais geral, do direito sobre o trono
da França, que lhe toca por Eduardo,

seu bisavô.

ELY · Que foi que o interrompeu?

CANTUÁRIA ·

O embaixador francês, nesse entretimentos,
pediu audiência. Mas já está chegado

o momento de o ouvir: não são quatro horas?

ELY · Justamente.

CANTUÁRIA · Então vamos tomar conhecimento da embaixada, conquanto eu a adivinhe

sem que o francês tenha falado ainda.

ELY · Aguardo-vos ansioso por ouvir-vos.

(*Saem.*)

Ato I · Cena II

O mesmo. Sala do trono.

Entram o Rei Henrique, Gloster, Bedford, Exeter, Warwick, Westmoreland e séquito.

REI HENRIQUE · Onde se encontra o meu gracioso Lorde de Cantuária?

EXETER · Não se acha aqui presente.

REI HENRIQUE · Tio, mandai chamá-lo.

WESTMORELAND · Poderemos chamar o embaixador, meu soberano?

REI HENRIQUE ·

Espera um pouco, primo; antes de ouvi-lo temos de esclarecer alguns assuntos de importância, com que nos preocupamos, relativos à França e ao nosso reino.

(Entram o Arcebispo de Cantuária e o Bispo de Ely.)

CANTUÁRIA · Deus e seus anjos queiram conservar-vos por muito tempo no sagrado trono.

REI HENRIQUE · Muito obrigado.

Erudito senhor, nós vos pedimos que continueis vossa última conversa, expondo com clareza e com justiça por que a Lei Sálica da França impede, ou não impede, o que ora pretendemos. Mas, meu caro e fiel lorde, Deus não queira que venhais a forçar vosso discurso, torcendo-o com sofismas, e a consciência carregueis com valores ilegítimos de cor não condizente com a verdade. Deus sabe quanta gente, ora com vida, vai derramar o sangue na defesa do que formos por Vossa Reverência concitado a fazer. Tende cuidado, portanto, na maneira por que me ides penhorar, como o gládio adormecido da guerra espertareis. Recomendamo-vos, pois, em nome de Deus: tende cuidado, porque duas nações tão poderosas nunca brigaram sem que derramassem

muito sangue, de que cada inocente gota é uma maldição e queixa amarga lançada contra quem tivesse sido causa injusta de afiarem-se as espadas para a devastação da curta vida.

Após essa advertência, digno lorde, podeis falar, que vos escutaremos e anotaremos tudo, convencido de que vossas palavras são lavadas em vossa consciência e estão tão puras como o pecado após o batizado.

CANTUÁRIA · Então me ouvi, gracioso soberano, e vós, pares, também, que dedicastes a este trono imperial vossas pessoas, os serviços e a vida. Nada pode ser objetado contra a pretensão de Vossa Alteza em relação à França, senão tão-só o que os franceses fazem provir de Faramond: "In terram Salicam mulieres ne succedant". "Não sucede mulher em terra Sálica". Por "Terra Sálica", sem razão, eles entendem toda a França, atribuindo a Faramond o início dessa lei contra o direito das mulheres ao trono. No entretanto, são seus próprios autores que nos dizem com toda a boa-fé que a terra Sálica se encontra na Alemanha, entre as correntes do Sala e do Elba, onde foi posto certo francês por Carlos Magno, após vencido ter os saxões, o qual tendo em desprezo as mulheres germânicas por causa da vida desonesta que levavam, firmou o princípio de que em terra Sálica jamais mulher alguma fosse herdeira, terra essa, como disse, entre o Elba e o Sala, chamada hoje de Meissen, na Alemanha. Vê-se, pois, claramente, que a Lei Sálica não diz respeito ao reino dos franceses,

mesmo porque estes só tomaram conta dessa terra depois de quatrocentos e vinte e um anos após o passamento de Faramond, aceito, falsamente, como criador da lei, cujo trespasse, como é sabido, se deu no ano quatrocentos e vinte e seis, contados na era da nossa redenção. Ora, foi no ano de oitocentos e cinco, após a guerra dos saxões, que os franceses foram postos por Carlos Magno em terras de além Sala. Há mais: seus escritores asseveram que o Rei Pepino, após ter destronado Quilderico, valeu-se de seu título de herdeiro universal, por ser do sangue de Blitilda, nascida de Clotário, para na posse entrar do reino franco. Hugo Capelo, que usurpara o trono de Carlos, Duque de Lorena, herdeiro masculino exclusivo da linhagem de Carlos Magno, para uma aparência de legitimidade dar ao título de que então se valeu — conquanto fosse falso e nulo, em verdade — apresentou-se como direto herdeiro de Lingare, filha de Carlomanho, que era filho de Luís, o imperador, como Luís era filho de Carlos Magno. Assim, Luís décimo, do usurpador Capeto o único herdeiro, não pôde conservar calma a consciência, quando subiu ao trono dos franceses, senão depois da prova de que a bela Isabel, sua avó, era da estirpe da senhora Ermengarda, que nascera do mencionado Duque de Lorena, com cujo casamento a descendência de Carlos Magno se ligou de novo à coroa da França. Assim se torna tão claro como a luz do sol no estio que o direito do Rei Pepino ao trono, a pretensão de Hugo Capeto e a calma de espírito de Luís, tudo se apóia, sem exceção, no título e direito das mulheres. Desta arte procederam todos os reis da França até o presente. Quando eles, pois, recorrem à Lei Sálica para negar a Vossa Majestade

qualquer direito à herança feminina, preferem ver-se envoltos numa teia a patentear seus duvidosos títulos usurpados a vossos ascendentes.

REI HENRIQUE ·

Posso, então, com direito e sã consciência, fazer valer as minhas pretensões?

CANTUÁRIA · Caia o pecado sobre mim, severo soberano, que está escrito no Livro dos Números: “A herança cabe à filha, sempre que o filho morre”. Meu gracioso monarca, defendei vossos direitos, desenrolai vosso sangrento lábaro, volvei a vista para os vossos grandes antepassados, ide à sepultura de vosso bisavô, de quem herdastes, e lhe invocai o espírito guerreiro e o de vosso tio-avô, Eduardo, o Príncipe Negro, que fez da terra dos franceses o grande palco em que ele uma tragédia representou à custa da derrota da força franca, enquanto, sorridente, seu poderoso pai, do alto de um cômodo, contemplava o leãozinho que no sangue da nobreza francesa se fartava.

Oh nobre inglês que, com metade, apenas, de suas forças, vencia todo o orgulho dos franceses, enquanto a outra metade, à parte se ficava, a sorrir, fora da pugna, sem sofrer dano e inteiramente calma.

ELY · Despertai a lembrança desse morto valoroso e com vosso braço forte renovai-lhe o heroísmo. Sois-lhe o herdeiro, no trono dele estais sentado agora; o sangue e o ardor que ilustres os fizeram, em vossas veias corre. Meu três vezes poderoso senhor ora se encontra precisamente na manhã de maio de sua mocidade e, assim, maduro para a ação e as grandiosas empresas.

EXETER · Os senhores e reis da terra, vossos irmãos de cetro, que esperteis aguardam, como os primeiros leões de vosso sangue.

WESTMORELAND ·

Todos estão bem certos de que Vossa Graça dispõe da força e do direito, como dispõe, de fato. Rei algum

da Inglaterra já teve sob seu mando nobres mais ricos e mais leais vassalos, que os corações deixaram na Inglaterra, para na França os corpos acamparem.

CANTUÁRIA · Oh meu caro senhor! deixai que os corpos os acompanhem; com espada e sangue, com ardor conquistai vosso direito.

Para isso, nós, do espiritual, daremos a Vossa Alteza soma tão vultosa como jamais foi dada pelo clero a qualquer rei de vossa alta linhagem.

REI HENRIQUE ·

Pegaremos em armas não somente para invadir a França, senão para tomar medidas contra os escoceses, que poderão, com todas as vantagens, entrar por nossas terras.

CANTUÁRIA · Os que temos na fronteira, gracioso soberano, são suficientes para de muralha nos valer na defesa de nossa ilha contra nossos vizinhos ratoneiros.

REI HENRIQUE ·

Não falamos somente dessas forças volantes da fronteira; mas receamos que o escocês se levante em pé de guerra, pois sempre nos tem sido um mau vizinho.

Na história podeis ler que nunca pôde meu avô levar homens para a França, sem que o escocês no reino enfraquecido não fizesse incursões, como por uma passagem faz o mar, com todo o peso de suas forças, devastando as terras desprotegidas, com penosos cercos apertando as cidades e os castelos.

Carente de forças, a Inglaterra tremia diante de tão maus vizinhos.

CANTUÁRIA · Era maior o susto do que o dano, nobre senhor. Ouvi como ela própria vai prová-lo. No tempo em que na França sua cavalaria toda estava e ela, viúva chorosa de seus nobres, não só pôde ela com bastante brilho se defender, aprisionar o próprio rei da Escócia, metê-lo numa jaula como fera fugida, remetê-lo para a França, porque ilustrasse o triunfo

do Rei Eduardo com um real cativo, como deixar as crônicas tão cheias de feitos valorosos, como o limo dos abismos do mar se encontra pleno de tesouros sem preço e de navios.

WESTMORELAND ·

Mas há um velho provérbio muito certo:

Se queres ganhar a França,
então pela Escócia avança.

Pois se a águia da Inglaterra sai à caça, a doninha escocesa sobe ao ninho desguarnecido e chupa os ovos reais, fazendo como o rato quando o gato se acha ausente, que estraga e suja tudo quanto comer não possa.

EXETER · É, pois, preciso

que o gato fique em casa. Mas é muito forçada a conclusão; temos ferrolhos para em seguro pôr nossos haveres, e armadilhas feitosas para a caça dos pequenos ladrões. Enquanto o braço está lá fora, armado, aqui a cabeça prudente se defende, que um governo de diferentes partes é composto: altas, baixas e mínimas. Contudo, todas elas sempre hão de estar de acordo, em completa e agradável harmonia, como na música.

CANTUÁRIA · Por essa causa deu o céu ao governo diferentes funções que, em movimento ininterrupto, uma finalidade, apenas, visam: a obediência. Isso fazem as abelhas, criaturas que, por lei da natureza, o modo nos ensinam de pôr ordem num reino populoso. Elas possuem um rei e oficiais de toda sorte: uns, como magistrados, incumbidos são de aplicar em casa os corretivos; outros, quais mercadores, negociam no exterior; terceiros, os soldados, armados de ferrões, pilham nos prados estivais os botões aveludados, álacres conduzindo o saque opimo para casa e o depondo na real tenda do seu imperador, que, azafamado na sua majestade, não descuida

na inspeção dos pedreiros cantadores que elevam tetos de ouro, dos sisudos e operosos civis que o mel amassam, os vis carregadores que amontoam na porta estreita da colmeia os fardos, bem como o juiz severo, de zumbido rezingueiro, que à estaca do carrasco faz entrega do zangão preguiçoso. Disso eu concluo que diversas coisas concorrentes para uma só grandeza podem obrar por modos diferentes. Muitas setas, assim, de vários pontos disparadas, a um alvo, só, convergem; caminhos diferentes vão dar numa só cidade; no mesmo mar salgado rios de todo porte desagüam; muitas linhas se tocam num só centro: desse modo, milhares de empresas, uma vez iniciadas, vão dar numa finalidade apenas, sem prejuízo de qualquer uma delas. Por tudo isso, meu senhor, para a França! Em quatro partes dividi vossa bela e feliz pátria: levareis para a França um quarto, apenas, com o que fareis tremer a Gália toda; se nós, em casa, com três vezes isso, nos mostrarmos ineptos para as portas defender dos cachorros, merecemos que nos dêem castigo e que a Inglaterra venha a perder a sua antiga fama de coragem na guerra e na política.

REI HENRIQUE ·

Chamai os mensageiros do delfim.

(Sai uma pessoa do séquito.)

Estamos decididos. Com a ajuda de Deus e a vossa — os nobres ligamentos de nosso poderio — uma vez donos da França, havemos de prendê-la ao nosso temor ou estraçalhá-la em mil pedaços. Se lá não nos sentarmos, governando com a mais ampla e irrestrita autoridade toda a França e seus quase reais ducados, estes ossos numa urna sem valia repousarão, sem terem sepultura nem qualquer inscrição indicativa. Se nossa história não falar com plenos pulmões de nossos atos, minha tumba,

como turco sem voz, há de ter boca destituída de língua, sem o lustre transitório de um simples epitáfio.

(Entram os embaixadores da França.)

Agora estamos preparados para conhecer o prazer do nosso belo primo, o delfim, pois cremos virem dele, não da parte do rei, seus cumprimentos.

PRIMEIRO EMBAIXADOR ·

Consente Vossa Majestade em dar-nos liberdade de expor nossa incumbência, ou devemos mostrar-vos só de longe a opinião do delfim e nosso encargo?

REI HENRIQUE ·

Somos um rei cristão, não feroz déspota; à nossa graça está submissa a cólera, como em nossas prisões os criminosos. Por isso nos expõe com lhaneza não forçada a palavra do delfim.

PRIMEIRO EMBAIXADOR ·

Então, sem mais rodeios: Vossa Alteza recentemente reclamou da França certos ducados, como pertencentes a vosso antecessor, o grande Eduardo terceiro. Manda vos dizer o príncipe, nosso mestre, que tendes muito forte, ainda, o gosto de vossa mocidade, e vos adverte de que nada em França pode ser conquistado à custa apenas de uns compassos graciosos de galharda. Não haveis de fazer vossas orgias nos ducados da França. Por tudo isso, como mais adequado a vosso gênio, ele vos manda este barril de jóias, pedindo-vos que, em troca dos ducados, possa vir a ficar sem mais notícias de Vossa Alteza. Assim falou o delfim.

REI HENRIQUE · Quais são as jóias, tio?

EXETER ·

Apenas bolas

de tênis, soberano.

REI HENRIQUE · Muito alegre nos deixa a brincadeira do delfim. Meus agradecimentos pelo mimo e por vosso trabalho. Após nós termos ajustado as raquetas a essas bolas, jogaremos na França uma partida, se Deus nos ajudar, que talvez ponha em perigo a coroa de seu pai.

Dizei-lhe que o adversário que ele acaba de provocar vai pôr em sobressalto toda a corte da França com seus pulos. É compreensível que ele nos censure por nossa turbulência de outros tempos, visto não ter idéia do proveito que dela nós tiramos. Nunca demos muito valor ao trono da Inglaterra. Vivendo longe dele, nos deixávamos levar por uma bárbara licença. Sempre os homens se mostram mais alegres, todos o sabem, longe de seus lares. Mas dizei ao delfim que hei de manter-me como rei, desfraldando toda a vela da grandeza no dia em que no trono da França eu me assentar. Foi com esse intento que eu pus de lado a minha majestade, labutando qual rude jornaleiro. Mas com tal glória eu me alçarei na França, que deixarei seus olhos ofuscados. Só de olhar-me, o delfim ficará cego. Dizei ao vosso galhofeiro príncipe que estas bolas a sua brincadeira já transformou em pedras de canhão e que sua alma vai ficar de luto por causa da vingança destruidora que vai voar com elas, pois tão tola brincadeira milhares de viúvas vai deixar sem maridos num brinquedo de guerra, e muitas mães sem os filhinhos; brincarão de ruir muitos castelos.

Nascituros sem conta, num só grito, hão de atirar-lhe o apodo de maldito. Mas tudo ainda depende da vontade de Deus, a quem me entrego, e em cujo nome *devereis ao delfim dizer que eu parto para vingar-me, como for possível, e amparar com meu braço justiceiro uma causa sagrada. É tudo. Em paz podeis partir. Dizei ainda ao delfim que a muitos esta sua brincadeira com pranto há de amargar sobremaneira. Dai-lhe uma boa escolta. Passai bem.*

(Saem os embaixadores.)

EXETER · Uma alegre mensagem, não há dúvida.

REI HENRIQUE ·

Esperamos fazer que o dono venha, por isso, a enrubescer. Mas não percamos, milordes, nenhuma hora favorável que possa acelerar nossa empresa, que todo o meu pensar, agora, é a França, sem contar o que a Deus se relaciona, que à frente sempre está de nossos planos. Reunamos, pois, depressa os nossos meios para esta guerra e, assim, pesemos todas as demais circunstâncias que nos possam dar mais penas às asas. Deus à frente, hei de dar ao delfim um corretivo nas portas de seu pai. Por isso devem todos agora afiar o pensamento porque vença este belo empreendimento.

(Saem. Toque de clarins.)

Prólogo

Entra o Coro.

CORO · A mocidade toda da Inglaterra se encontra agora em fogo; nos cabides, os vestidos e seda. Só os armeiros é que prosperam; nos humanos peitos reina exclusivo o pensamento da honra. Para comprar cavalos, vende os campos o lavrador, seguindo nisso o exemplo dos monarcas de toda a cristandade, como alados Mercúrios da Inglaterra.

Por toda parte paira a Expectativa, brandindo a espada que, da ponta aos copos, se adorna com coroas de monarcas, duques e condes, todas prometidas a Henrique e aos que o acompanham. Os franceses, sempre bem orientados a respeito deste preparativo apavorante, tremem de medo e, usando má política, tentam desviar as intenções inglesas. Oh Inglaterra, modelo de tua própria

grandeza interior, corpo pequeno
 com coração grandioso! De que foras
 capaz, seguindo o que a honra te ditasse,
 se naturais e bons fossem teus filhos!
 Contempla o teu defeito: em ti a França
 encontra um ninho de vazios peitos
 que ela enche de coroas traiçoeiras.
 Três ingleses corruptos: um, Ricardo,
 Conde de Cambridge; o segundo, Henrique,
 Lorde Scroop de Masham; e o terceiro,
 o cavaleiro de Northumberland,
 Sir Tomás Grey, pelo ouro cintilante
 da França — oh crime escuro! — conspiraram
 secretamente com a medrosa França.
 Por suas mãos deve perder a vida
 o mais gracioso rei — se o inferno e a negra
 traição suas promessas mantiverem —

antes de ir para a França, ainda em Southampton.
 Alongai a paciência, suportando
 o abuso da distância a que esta peça
 ora me obriga. A soma já está paga;
 os traidores, de acordo; já não se acha
 mais em Londres o rei. A cena, agora,
 gentis espectadores, é em Southampton.
 O teatro lá se encontra; é lá que todos
 vos deveis assentar. De lá, sem risco
 nenhum eu vos farei passar à França,
 de onde, após, vos trarei, fazendo toda
 sorte de encantos para que se deixe
 o estreito atravessar como num vôo,
 sem minha peça vos causar enjôo.
 Mas ninguém a Southampton levarei,
 enquanto em Londres estiver o rei.

(Sai.)

Ato II · Cena I

Londres. Eastcheap.

Entram Nym e Bardolfo.

BARDOLFO · Bem-vindo, caporal Nym.

NYM · Bom dia, tenente Bardolfo.

BARDOLFO · Dizei-me uma coisa: vós e o porta-bandeira Pistola ainda sois amigos?

NYM · Por mim, pouco se me dá; não digo nada, mas quando o tempo for servido, é possível que haja sorrisos entre nós. Não tenho coragem para brigar, mas posso fechar os olhos e segurar o ferro. Este é muito simples, de fato; mas, que importa? Serve para fritar queijo e agüenta o frio tão bem como a espada de quem quer que seja. E pronto!

BARDOLFO · Vou mandar aprontar um almoço para que façais as pazes; depois partiremos para a França, como irmãos de armas. Fazei-me essa vontade, caporal Nym.

NYM · Por minha fé, hei de viver quanto me for possível, é só o que eu sei dizer. Quando já não puder viver, verei o que faço. É essa a minha resolução e o rendez-vous do caso.

BARDOLFO · Eu sei, caporal, que ele se casou com Nell Quickly. Foi muito malfeito da parte

dela, não há dúvida, porque estava comprometida convosco.

NYM · Sobre isso, nada digo; as coisas têm de ser como são mesmo. Muita gente pode dormir sem vir a perder as goelas, como há quem afirme que as facas têm corte. Tudo tem de ser como for possível; embora a paciência seja uma égua estafada, terá de arrastar-me de qualquer jeito. É preciso que haja conclusões. Muito bem, não sei dizer.

(Entram Pistola e a estalajadeira.)

BARDOLFO · Aí vem vindo o porta-bandeira Pistola com sua mulher. Ficai calmo, bondoso caporal.

Então, estalajadeiro Pistola, como ides passando?

PISTOLA · Eu, estalajadeiro, cão imundo?

Juro por esta mão que o termo é baixo.

Pouco se importa a minha Nell com hóspedes.

ESTALAJADEIRA · Sim, por algum tempo, pelo menos; porque não podemos dar cama e mesa a doze ou quatorze senhoras de respeito, que vivam honestamente das picadas de suas agulhas, sem que se diga que sustentamos um bordel.

(Nym e Pistola sacam das espadas.)

Oh santa Mãe de Deus! Tomara que ele saque da espada, senão veremos aqui adultério proposital e crime.

BARDOLFO · Meu bom tenente, bom caporal, acomodai-vos.

NYM · Bah!

PISTOLA · Bah para ti, cão da Islândia, sabujo islandês de orelha em pé!

ESTALAJADEIRA · Meu bom caporal Nym, mostra o teu valor e embainha vossa espada.

NYM · Não ides embora? Desejava ter-vos “solus”.
(*Embainha a espada.*)

PISTOLA ·

“Solus”, cachorro egrégio? Oh vil serpente!

teu solus nesse rosto extraordinário;

teu solus nesses dentes, no teu peito,

nos teus pulmões odiosos, nessa pança,

e o que é pior, em tua boca imunda!

Devolvo o solus para as tuas tripas,

porque eu posso dar fogo; levantado

já está o cão de Pistola; falta pouco

para que a chama deslumbrante irrompa.

NYM · Não sou Barbason; não podeis conjurar-me.

Sou dotado de humor para vos desancar indiferentemente bem. Se me insultardes, Pistola, eu vos limparei como puder com minha espada. Se vos retirantes, picar-vos-ei um pouco as tripas, da melhor maneira possível. É esse o humor do caso.

PISTOLA · Mesquinho fanfarrão, furioso réprobo! Escancara-se o túmulo; já se acha

perto a Morte insaciável. Solta o espírito!

BARDOLFO (*arrancando a espada*) ·

Prestai atenção ao que eu vou dizer: quem der o primeiro golpe provará minha espada até aos copos. Palavra de soldado.

PISTOLA · Juramento de peso! A grande cólera tem de ceder. Dá-me esse punho; dá-me

teu pé dianteiro, gigantesco espírito!

NYM · Mais hoje, mais amanhã, hei de cortar-te a garganta às maravilhas. Eis o humor do caso.

PISTOLA · “Coupe le gorge!”

Queres a minha esposa, cão de Creta?

Não; vai para o hospital

e da estufa da infâmia tira o abutre

leproso da família das Cressidas,

de nome Doll Tearsheat e a esposa logo,

que é minha, sempre minha, a *quondam* Quickly,

ela, a sem par! E *pauca*; é o suficiente.

Vai-te!

(*Entra um pajem.*)

PAJEM · Senhor estalajadeiro Pistola, é preciso que, juntamente com a senhora estalajadeira, vades ver o meu mestre. Ele está gravemente doente e não pode deixar a cama. Excelente Bardolfo, vai pôr o rosto nos lençóis dele, para fazeres de aquecedor. Ele está realmente muito mal.

BARDOLFO · Vai saindo, moleque!

ESTALAJADEIRA · Por minha fé, em qualquer destes dias ele aprestará um belo pudim para os corvos. O rei lhe quebrou o coração. Caro esposo, não demores.

(*Saem a estalajadeira e o pajem.*)

BARDOLFO · Vamos, quero fazer-vos amigos; temos de ir juntos para a França. Por que diabo havemos de pegar em faca para nos cortarmos os pescoços?

PISTOLA · Cresça o mar! Rujam diabos por comida!

NYM · Vou receber agora os oito xelins que me deveis daquela aposta?

PISTOLA · Vil escravo é quem paga as suas dívidas.

NYM · Mas quero reavê-los; é esse o humor do caso.

PISTOLA · Como o que decide é a virilidade, vamos a isso!

(*Arrancam das espadas.*)

BARDOLFO · Por esta espada, matarei quem der o primeiro golpe. Por esta espada, juro que o farei.

PISTOLA · Espada é juramento, e os juramentos de todo jeito devem ser mantidos.

BARDOLFO · Tornai-vos amigos, tornai-vos amigos, tu e o caporal Nym. Se te recusares a isso, passarás a ser também meu inimigo. Vamos, guarda essa espada.

NYM · Não me pagareis os oito xelins que eu ganhei na aposta?

PISTOLA · Vais ganhar neste instante um belo nobre. Além do mais, pagar-te-ei bebida.

Firmemos amizade; irmãos seremos;

eu e Nym viveremos um para o outro.

Não é justo? Eu vou ser um vivandeiro

no acampamento; o lucro há de buscar-me.

Dá-me essa mão!

NYM · Vou receber, de verdade, um nobre?

PISTOLA · Dinheiro de contado.

(*Dá-lhe dinheiro.*)

NYM · Muito bem; é esse o humor do caso.

(*Volta a estalajadeira.*)

ESTALAJADEIRA · Se nascestes de mulher, vinde ver Sir John. Ah, pobre coração! Encontra-se tão

abalado por uma abrasadora terça cotidiana, que dá pena vê-lo. Homens compassivos, entrai.

NYM · O rei introduziu mau humor no cavaleiro, essa é que é a verdade.

PISTOLA · Falas com siso; o coração tem ele corroborado e feito em pedacinhos.

NYM · O rei é um bom rei; mas as coisas são como são. Ele se compraz com humor e ditos espirituosos.

PISTOLA · Solidarizemo-nos com o cavaleiro. Vamos, que precisamos viver, meus cordeirinhos.

(*Saem.*)

Ato II · Cena II

Southampton. Sala do Conselho.

Entram Exeter, Bedford e Westmoreland.

BEDFORD · Como pode Sua Graça ter confiança nesses traidores?

EXETER · Todos vão ser presos.

WESTMORELAND ·

Que macieza e doçura eles revelam em tudo quanto fazem! Só parece que no peito só têm a obediência, pela honradez e pela fé coroada.

BEDFORD · O rei sabe de tudo o que eles fazem, por processos de que eles nem suspeitam.

EXETER · Pensar que foi seu próprio camarada de leito, que ele enchera de favores, quem, por outro estrangeiro, o rei vendesse para a traição e a morte! É inconcebível.

(*Soam trombetas. Entram o Rei Henrique, Scroop, Cambridge, Grey, nobres e séquito.*)

REI HENRIQUE ·

O vento é favorável; embarquemo-nos.

Ora dissei-me o que pensais, milorde de Cambridge, meu bom Lorde de Masham e vós aí, meu caro cavaleiro:

não sois de parecer que os nossos homens conseguirão abrir caminho pelas forças francesas, dando desempenho às intenções que tínhamos no instante de os reunir num só corpo?

SCROOP · Não o duvido, senhor, se todos seu dever cumprirem.

REI HENRIQUE ·

É o que não ponho em dúvida, que estamos convencidos de que não conduzimos coração que não viva em harmonia conosco, nem deixamos, igualmente, nenhum atrás, que votos não formule

para alcançarmos a final vitória.

CAMBRIDGE · Nenhum rei foi jamais temido e amado como Vossa Grandeza; nenhum súdito, quero crer, poderá sentir-se inquieto, nem descontente, sob a amena sombra do governo de Vossa Majestade.

GREY · É muito certo; os próprios inimigos de vosso pai no doce mel a bile mergulharam, servindo-vos agora com corações nascidos para o zelo.

REI HENRIQUE · Razão, portanto, nos assiste para sermos agradecidos. Mais depressa virá esta mão a se esquecer do ofício do que da recompensa da virtude de acordo com seu peso e dignidade.

SCROOP · O zelo, assim, trabalhará com músculos de aço, achando o trabalho refrigério na doce expectativa de, sem pausa, se esforçar para Vossa Majestade.

REI HENRIQUE ·

Assim também pensamos. Tio de Exeter, soltai o homem preso ontem por insultos a nossa Majestade. Foi excesso de vinho que o excitou, é o nosso aviso.

Se já se arrependeu, nós lhe perdoamos.

SCROOP · É generosidade, mas excesso de imprudência, senhor. Fora preciso nesse caso o castigo; do contrário, pode o exemplo gerar mais desatinos.

REI HENRIQUE ·

Deixai-nos ser bondoso.

CAMBRIDGE · Vossa Alteza poderá sê-lo sem que impunes fiquem os criminosos.

GREY · Mostrareis brandura se o deixardes com vida, após lhe dardes a correção precisa.

REI HENRIQUE · Vosso excesso de cuidado e de amor à nossa causa pesa demais contra esse pobre-diabo. Se os olhos não fecharmos para faltas de importância somenos, produzidas pela embriaguez, de que maneira os olhos estenderemos para os grandes crimes que foram ruminados, absorvidos com tempo e digeridos? Pouco importa: vamos soltar esse homem, embora Cambridge, Scroop e Grey, por excesso de cuidado para nossa pessoa, desejassem que fosse castigado. E ora passemos ao assunto da França. Quais os nomes dos lordes escolhidos para o posto de comissários?

CAMBRIDGE · Eu sou um, milorde; autorizou-me Vossa Alteza a vir-vos pedir a comissão.

SCROOP · E a mim, também, meu soberano.

GREY · E a mim, meu real senhor.

REI HENRIQUE · Nesse caso, eis a vossa, Lorde Scroop de Masham; e a vossa aqui, Ricardo, Conde de Cambridge; esta é a vossa, Cavaleiro Grey de Northumberland. Lede-as; conheço-vos o mérito. Meu caro tio de Exeter, Lorde de Westmoreland, ainda esta noite iremos para bordo. Então, senhores? Que ledes nos papéis para ficardes desse jeito? Ora vede que mudança! Têm de papel as faces. Que estais lendo que vos deixou covarde o bravo sangue, e do rosto o expulsou?

CAMBRIDGE · Confesso a minha grande falta e à clemência me submeto de Vossa Majestade.

GREY E SCROOP · Para a qual todos nós apelamos.

REI HENRIQUE · Tal clemência, notada em nós, há pouco, vossos próprios conselhos suprimiram e mataram. Contra vós se viraram vossos próprios argumentos, tal como cães sanhosos contra seus donos, para estraçalhá-los. Vede, meus pares e meus nobres príncipes, estes monstros ingleses! Eis o Lorde

de Cambridge... Sabeis até que ponto nosso amor concordara em cumulá-lo dos maiores favores, condizentes com sua honra. Pois bem: este sujeito, por algumas coroas destituídas de peso, conspirou ligeiramente, tendo jurado aos emissários francos que aqui em Hampton a nos matar viria, juramento que aquele cavaleiro que não está menos preso do que Cambridge à nossa grande generosidade igualmente prestou. Mas oh! Que devo dizer-te, Lorde Scroop? Oh tu, criatura desumana, cruel, ingrata e bárbara! Tu, que tinhas as chaves dos meus planos, que sabias de tudo o que eu sentia no mais profundo da alma, que terias podido, quase, me cunhar em ouro, se para tua vantagem tu tivesses me querido explorar: como se explica que o salário estrangeiro conseguisse tirar de ti uma faúlha, ao menos, diabólica que o dedo me queimasse? É tão estranho tudo, que ainda mesmo que a verdade do caso ressaltasse como o branco no preto, mal podiam meus olhos enxergá-la. Sempre o crime e a traição se conluiaram, como junta de demônios, acordes na maldade, produzindo com tanta grosseria seus naturais efeitos que contra elas não grita a admiração. Mas no teu caso fizeste contra toda a expectativa seguir a admiração ao crime e à infâmia. Qualquer que tenha sido o diabo astuto que te amolgou por modo tão absurdo, é certeza já ter obtido os votos para primaz do inferno, porque os outros demônios, que traições nos insinuam, cobrem-nas de remendos, que alterando-lhes a forma e a cor, emprestam a aparência brilhante da piedade. Mas o diabo que te enganou, mandou que, enfim, te erguesses sem que te desse justificativa para seres traidor, senão armar-te perfeito cavaleiro da traição. Se esse mesmo demônio, que tão hábil

se mostrou no iludir-te, com seus passos
 leoninos percorresse o mundo todo,
 poderia, de volta ao fundo Tártaro,
 anunciar às legiões: jamais uma alma
 foi ganha com tamanha indiferença
 como a daquele inglês. Como a doçura
 da amizade por ti foi infectada
 pela suspeita! Alguém já fora fiel?
 Eras tu esse alguém. Grave e erudito?
 Eras tu esse alguém. De nobre estirpe?
 Eras tu esse alguém. Piedoso e puro?
 Eras tu esse alguém. Houve pessoa
 de vida moderada, sem excessos
 de cólera nem estos de alegria,
 de espírito constante, não transviada
 pelas ebulições do próprio sangue,
 vestida, ornada de modesta essência,
 seguindo os olhos só quando os ouvidos
 em seu apoio viessem, não confiando
 em ninguém sem madura reflexão?
 Assim, de tal finura, parecias.
 Por isso tudo, tua queda deixa
 uma espécie de mancha, que há de a marca
 da suspeita lançar no mais virtuoso
 dos homens, o mais puro e mais completo.
 Choro por ti, que a tua felonía
 se me afigura uma outra queda do homem.
 Seus crimes são patentes; conduzi-os
 para a prisão, porque serão julgados.
 Que Deus possa absolvê-los de seus crimes.

EXETER · Eu te prendo por alta traição, Ricardo,
 Conde de Cambridge.
 Eu te prendo por alta traição, Henrique, Lorde
 Scroop de Masham.
 Eu te prendo por alta traição, Tomás Grey, Cavaleiro
 de Northumberland.

SCROOP · Nossos intentos foram, com justiça,
 revelados por Deus. Mais me compunge
 meu erro do que a morte. A Vossa Alteza
 suplico perdoar-me, embora o preço
 do meu crime meu corpo vá pagá-lo.

CAMBRIDGE · Jamais me seduziu o ouro da França,
 conquanto o houvesse aceito como meio
 de realizar depressa o cometido.
 Louvado seja Deus, por ter frustrado

minha intenção, do que eu hei de alegrar-me,
 pedindo a Deus e a vós que me perdoeis.
GREY · Jamais se alegrou tanto um fiel súdito
 à descoberta de insidiosa trama,
 como eu comigo mesmo ora me alegro
 por me ver impedido de dar cabo
 dessa empresa maldita. Minha falta,
 não meu corpo, perdoai, meu soberano.

REI HENRIQUE ·

Deus, em sua clemência, vos absolva.
 Ouvi a sentença: conspirastes contra
 nossa real pessoa e vos juntastes,
 para isso, com um inimigo declarado,
 recebendo dinheiro de seus cofres,
 preço de nossa morte. Assim, quereis
 vender ao crime o vosso soberano,
 à servidão seus príncipes e pares,
 à opressão e ao desprezo seus vassalos
 e ao estrago total o reino todo.
 Quanto à nossa pessoa, não queremos
 vingança. Mas nos toca tão de perto
 a salvação do reino, cuja ruína
 procurastes, que nós vos entregamos
 às suas leis. Ide, pois, sem mais delongas,
 míseros pecadores, para a morte.
 Que em sua graça Deus vos dê coragem
 de suportá-la e a contrição sincera
 de vosso crime. Conduzi-os logo.

(Saem Cambridge, Scroop e Grey, escoltados.)

Agora, meus senhores, para a França.
 Possa ser esta empresa gloriosa
 para nós todos. Não mantemos dúvida
 em uma guerra fácil e propícia,
 já que Deus permitiu que se frustrasse
 traição tão perigosa, que se achava
 de emboscada por onde nós passávamos,
 para impedir a nossa iniciativa.
 Não duvidamos de que já se encontram
 removidos da estrada os embaraços.
 Partamos, pois, meus caros compatriotas.
 Nas mãos de Deus ponhamos nossa força
 e demos logo início à expedição.
 Alegres, para o mar! A guerra avança;
 só serei vosso rei, se o for da França.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Londres. Diante da taberna de Eastcheap.

Entram Pistola, a estalajadeira, Nym, Bardolfo e o pajem.

ESTALAJADEIRA ·

Deixa, meu doce maridinho, que eu te acompanhe até Staines.

PISTOLA · Não, que o meu peito forte se afligira.

Bardolfo, sê jovial; desperta a veia,

Nym, da fanfarronada, que Falstaff já não vive. É preciso que choremos.

BARDOLFO · Quisera estar com ele onde quer que se encontre: no céu ou no inferno.

ESTALAJADEIRA · Não, é certeza não estar no inferno; está no seio de Artur, se é que alguém já foi para o seio de Artur. Teve um fim muito bonito e se partiu como uma criança na pia batismal, entre as doze e uma hora, precisamente, na volta da maré. Quando o vi amarrotando o lençol, brincando com flores e rindo para a ponta dos dedos, compreendi que só havia um caminho. Estava com o nariz afilado como uma pena e delirava com campos verdes.

“Então, Sir John”, lhe disse, “que é isso, homem? É preciso ter coragem!” Ao que ele se pôs a gritar: “Deus! Deus! Deus!” três ou quatro vezes. Para consolá-lo, disse que não pensasse em Deus, por ser de opinião que não valia a pena perturbar-se com pensamentos dessa natureza. Nesse momento ele pediu que lhe pusesse mais roupa sobre os pés; enfiei a mão por baixo do lençol e os apalpei, percebendo que estavam frios que nem pedra. Então apalpei-lhe os joelhos, e mais acima, e mais acima, e tudo estava tão frio que nem pedra.

NYM · Dizem que ele gritou pedindo xerez.

ESTALAJADEIRA · É certo; pediu mesmo.

BARDOLFO · E por mulheres, também.

ESTALAJADEIRA · Não; isso não é verdade.

PAJEM · Gritou, sim, dizendo que elas eram diabos encarnados.

ESTALAJADEIRA · Tudo o que dizia respeito à carne não era com ele; não suportava o encarnado.

PAJEM · Certa vez ele disse que o demônio ainda haveria de levá-lo, só por causa das mulheres.

ESTALAJADEIRA · Sim, às vezes acontecia falar mal das mulheres; mas isso era quando estava reumático e falava da prostituta de Babilônia.

PAJEM · Estais lembrados da vez em que ele viu um mosquito pousado no nariz de Bardolfo e o comparou a uma alma negra a arder no fogo do inferno?

BARDOLFO · Já se foi o combustível que alimentava esse fogo. Foi essa a riqueza que eu ganhei em seu serviço.

NYM · Como é? Saímos ou não daqui? O rei já deve ter partido de Southampton.

PISTOLA ·

Vamos embora. Amor, dá-me esses lábios.

Cuida dos meus bens móveis e da casa.

Impere o juízo; a senha é: “Bebe e paga!”

Desconfia de todos,

pois as juras são palha; a fé dos homens,

broa que se desfaz, e “Agarra firme”,

o único cão de guarda, minha pomba.

Teu conselheiro seja, pois, “Caveto”.

Enxuga esses cristais. Vamos, amigos, para a França e, tal como as sanguessugas, suguemos, sim, suguemos quanto sangue houver para sugar naquelas partes.

PAJEM · Dizem que é alimento pouco saudável.

PISTOLA · Toca-lhe na boca macia, e marcha!

BARDOLFO · Adeus, estalajadeira.

(Beija-a.)

NYM · Não posso beijá-la; eis o humor do caso. Mas adeus!

PISTOLA · Capricha na direção da casa; segura firme, é só o que te recomendo.

ESTALAJADEIRA · Passai bem. Adeus.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

França. Uma sala no palácio do Rei da França. Toque de clarins.

Entram o Rei da França, com séquito, o delfim, os Duques de Berri e da Bretanha, o condestável e outros.

REI DA FRANÇA ·

Desse modo, com suas forças todas,
cai sobre nós o inglês. Ora nos cumpre
ser muito cuidadosos na defesa,
para lhe darmos uma real resposta.
Para isso os Duques de Berri e Bretanha,
de Brabant e de Orleans vão para fora.
Vós, príncipe delfim, com toda a pressa
deveis dar novo brilho a nossas praças
de guerra, reforçando-as com soldados
corajosos e meios de defesa,
porque a Inglaterra, em suas investidas,
é tão violenta como os torvelinhos
d'água num grande abismo. É necessária,
toda a cautela, pois; ainda sentimos
o medo resultante das recentes
devastações que pelos nossos campos
fez o fatal inglês que desprezávamos.

DELFIN · Meu pai muito temido, é conveniente,
de fato, nos armarmos contra o imigo.

A paz não deve entorpecer os reinos.
Embora em guerra e lutas não se pense,
os efetivos, a defesa, os meios
de combate, em geral, devem ser sempre
reforçados e a ponto sempre postos,
como na expectativa de uma guerra.
Sou de opinião, portanto, que é preciso
sairmos para ver as partes doentes
e mais fracas da França, o que faremos
sem revelar temor, sim, tão tranquilos
como se a nova nos tivesse vindo
de que a Inglaterra se ocupava apenas
com bailados mouriscos e folias
do Pentecostes. Sim, meu soberano,
de tal modo ela se acha governada,
tão fantasticamente empunha o cetro
um moço vão, leviano e extravagante,
que em seu rasto não segue o frio medo.

CONDESTÁVEL ·

Oh! Tende mão, meu príncipe delfim;
estais muito enganado a esse respeito.
Vossa Graça interrogue os emissários
que ao rei foram por último enviados
sobre a maneira digna com que a todos
recebeu, como estava secundado
por nobres conselheiros, a modéstia
das respostas, sem quebra, no entretanto,
da decisão mais firme e inquietadora:
e vereis que as passadas estroinices
eram como o exterior, tão-só, de Bruto
da antiga Roma, que, sob a aparência
da loucura a razão dissimulava.

Assim com estrume os jardineiros fazem,
escondendo as raízes que prometem
dar flores mais precoces e preciosas.

DELFIN · Não é tanto, milorde condestável.

Mas embora aceitássemos tudo isso,
pouco importa. No caso de defesa,
será melhor considerar o imigo
mais forte do que ele é na realidade.
Assim ficam preenchidas as medidas
da defesa; mostrarmo-nos sovinas
no traçado, é fazer como o avarento
que, por economia de um pedaço
de pano, a perder põe todo o casaco.

REI DA FRANÇA ·

Que seja forte, pois, o Rei Henrique.
Vós, príncipes, deveis também ser fortes
para enfrentá-lo. Os seus antepassados
se fartaram, comendo-nos as carnes.
Ele provém do sanguinoso tronco
que o terror espalhou pelas estradas
da França. Como prova, citaremos
apenas a derrota, memorável
em demasia, na fatal batalha
de Cressy, em que todos os fidalgos
de nossa terra aprisionados foram
pelo Príncipe Negro, Eduardo, Príncipe
de Gales. No alto, em cima de alterosa
montanha, seu pai alto o contemplava,
sorrindo ao vê-lo devastar as obras

da natureza e os moldes que durante vinte anos Deus e os pais franceses tinham demorado a fazer. Ora, ele é um ramo desse tronco notável; há motivos, pois, suficientes, para termos medo de seu destino e do vigor inato.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO ·

Emissários de Henrique da Inglaterra pedem audiência a Vossa Majestade.

REI DA FRANÇA ·

Vamos ouvi-los logo; ide buscá-los.

(Saem o mensageiro e alguns nobres.)

É com calor, amigos, como vedes, que esta caça vem sendo perseguida.

DELFIN · Então ficai de frente, pondo um termo a essa perseguição. Os cães medrosos ladram com mais vigor quando a distância vêem a caça a correr, imaginando que estão sendo temidos. Sede curto com esse inglês, meu caro soberano, dando-lhe a perceber a monarquia de que sois a cabeça. Caro príncipe, o amor-próprio é pecado menos grave do que o descuido próprio.

(Voltam os nobres, com Exeter e seu séquito.)

REI DA FRANÇA · De Inglaterra, nosso irmão, é que vindes?

EXETER · Dele mesmo, que desta arte saúda Vossa Alteza: É no nome de Deus onipotente que, por mim, vos concita a renunciardes a vós próprio, despindo-vos depressa das glórias emprestadas que por dádiva do alto empíreo, por lei da natureza, por direito dos povos, lhe pertencem e a seus herdeiros, a saber: o cetro e assim as amplas honras que o costume e o trabalho do tempo conferiram à coroa da França. Como prova de que sua pretensão não é injusta nem absurda, arrancada de um passado carunchoso e longínquo, nem da poeira depositada pelo esquecimento, vos manda este traçado memorável com ramos de evidência irresistível, pedindo que a atenção volvais para esta

árvore genealógica e, após verdes que ele provém, de fato, sem rodeios, do mais famoso dos seus ascendentes sempre famosos, o terceiro Eduardo, manda que resigneis o reino e o cetro sem apoio legal nenhum tomados do natural herdeiro.

REI DA FRANÇA · Que se segue, no caso de recusa?

EXETER · Sanguinária violência, pois, embota no mais fundo do coração pusésseis a coroa, de lá ele a arrancara. Como escura tempestade, por isso, ele se adianta, outro Jove dispondo de tremores de terra e de trovões, recurso extremo de que se valerá, caso lhe seja recusada a requêsta. Pela graça do Senhor vos intima a lhe entregardes a coroa e a apiedar-vos das inúmeras almas desventuradas que se encontram ameaçadas pelas hiantes fauces desta guerra faminta. Diz, ainda, que sobre vós hão de cair as lágrimas das viúvas, os gritos e gemidos dos órfãos, todo o sangue derramado nas lutas, as lamentações das jovens pelos maridos, pais e caros noivos que forem absorvidos pela guerra. Eis sua pretensão; eis sua ameaça; nisto consiste todo o meu recado, caso o delfim não se ache aqui presente, para quem trago saudações expressas.

REI DA FRANÇA ·

Vamos considerar com mais sossego quanto nos diz respeito. Amanhã cedo receberéis uma cabal resposta para o irmão Inglaterra.

DELFIN · No que toca ao delfim, aqui estou no lugar dele. Que foi que lhe mandaram da Inglaterra?

EXETER · Desprezo e desafio, a merecida desconsideração, desdém completo, tudo de quanto ele vos julga digno sem deslustrar o mandatário ilustre. Assim falou meu rei; e se a grandeza de vosso pai não atenuar o amargo

de vossa graça insossa, concedendo-lhe plena satisfação, há de chamar-vos a contas, por maneira tão violenta, que as abóbadas côncavas e as grotas da França reboarão com a brincadeira que os seus canhões ao rosto vos atirem.

DELFIN · Podeis dizer-lhe que com o meu assenso meu pai não lhe dará resposta afável.

Nada me agrada tanto como a guerra com a Inglaterra. Para isso, tendo em vista sua frivolidade e inexperiência, mandei-lhe aquelas balas parisienses.

EXETER · Ele fará, por isso, que estremeça vosso Louvre Paris, embora a corte principal fosse ali da grande Europa. Ficai certo, também, de que uma grande diferença achareis — como nós todos,

espantados, seus súditos, achamos — entre as promessas de seus verdes dias e os que ora ele domina. Hoje ele o tempo pesa até o último grão. As vossas perdas vos hão de convencer dessa verdade, no caso de ele demorar na França.

REI DA FRANÇA · Amanhã vos daremos a resposta.

EXETER · Despachai-nos com pressa; poderia dar-se que o nosso rei viesse em pessoa para saber da causa da demora, visto já ter tomado pé na França.

REI DA FRANÇA ·

Heis de ser despachado como cumpre, sem grandes dilações. Pequeno fôlego e pausa diminuta é uma só noite para assunto de tanta relevância.

(*Saem.*)

Prólogo

Entra o Coro.

CORO · Valendo-se tão-só de asas fictícias a nossa cena voa e se desloca com rapidez não menos admirável do que a do pensamento. Figurai-vos ter visto o bem provido soberano no embarcadouro de Hampton pôr a bordo sua realeza e com sedosas flâmulas abanar sua esquadra o moço Febo. Brincai com a fantasia e nela vede subir pela cordoalha ágeis grumetes; ouvi o apito agudo, transmitindo ordens em meio de confusos gritos; vede as velas de linho, intumescidas por um vento invisível e insinuante que impele as altas quilhas pelas águas cavadas, a zombar das ondas bravas. Imaginai que vos achais na praia e que vedes dançar uma cidade nas ondas inconstantes, sim, que tanto parece ser a sua altiva esquadra na rota para Harfleur. Adiante! Adiante! Firmai o pensamento na grandeza desta esquadra e deixai vossa Inglaterra

tão sossegada como a mortal hora da meia-noite, sob a guarda, apenas, de trêmulos avós, velhas e crianças, os que o vigor e a força já perderam ou longe ainda de alcançá-los se acham. Sim, pois quem pode haver, se enriquecido tiver o queixo de um cabelo apenas que também não deseje ir para a França com tantos e seletos cavaleiros? Ponde em trabalho o pensamento e o cerco vede de uma cidade; nas carretas contemplai os canhões, com as fatais bocas voltadas para Harfleur de pétreo cinto. O embaixador francês agora vede, de volta, com recado para Henrique: oferece-lhe o rei sua própria filha, Catarina, e, com ela, como dote, alguns ducados que não rendem nada. Foi rejeitada a oferta. O canhoneiro já encosta o fogo no canhão diabólico

(*Rebate; descarga de canhões.*)

e quanto se acha em frente vem abaixo. Sede bondosos; demonstrei talento e a peça completai com o pensamento.

(*Sai.*)

Ato III · Cena I

França. Diante de Harfleur.

Rebate. Entram o Rei Henrique, Exeter, Bedford, Gloster e soldados com escadas de assalto.

REI HENRIQUE ·

À brecha novamente, meus amigos,
ou de ingleses os fossos entupamos.
Quando há paz, nada assenta mais aos homens
do que a humildade e a singular modéstia.
Porém quando as rajadas dos combates
vos soa nos ouvidos, é de urgência
procurar imitar em tudo o tigre:
os nervos enrijai, chamai o sangue;
desfigurai a bela natureza
com os traços de uma cólera violenta;
aos olhos emprestai aspecto horrível,
permitindo que espreitem de suas órbitas
como canhões de bronze. Os supercílios
devem cobri-los tão terrivelmente
como o faz o penedo solapado
que sobre a base enfraquecida impende
pelo oceano selvagem circundada.
Rangei os dentes, dilatai as ventas,
sustai o fôlego e tendei o espírito

quanto vos for possível. Para a frente,
nobres ingleses, cujo sangue é oriundo
de pais postos à prova nos combates,
pais que, como outros tantos Alexandres,
de sol a sol nestas regiões lutaram,
só embainhando as espadas por carência
completa de pretexto para usá-las.
Não desonreis as vossas mães; agora
vos cumpre demonstrar que dais o nome
de pais aos que, de fato, vos geraram.
Servi de exemplo aos que têm sangue baixo,
ensinando-lhes a arte dos combates.
E vós, bons camponeses da Inglaterra,
chegou o momento de nos dardes prova
da pujança do solo em que crescestes.
Vamos jurar que sois mercedores
de vossa origem, do que eu não duvido,
que até nos olhos do mais baixo e simples
percebo um nobre ardor. Vejo que todos
sois como fortes galgos atrelados,
prontos para saltar. Aí vem a caça.
Segui vossa coragem neste ataque,
gritando: Deus combata por Henrique!
Inglaterra e São Jorge!

(Saem. Rebate e descarga de artilharia.)

Ato III · Cena II

O mesmo.

Entram Nym, Bardolfo, Pistola e o pajem.

BARDOLFO · Avante! Avante! Para a brecha! Para a brecha!

NYM · Parai, caporal, por favor; os tiros são muito quentes e eu não tenho provisão de vidas. O humor do caso é quente demais; eis o seu verdadeiro cantochão.

PISTOLA · O cantochão é certo; há humor bastante: os tiros vão e vêm; do mesmo modo caem os filhos de Deus e a vida perdem.

No campo rubro
a espada e o escudo
se cobrem logo

de imortal fama.

PAJEM · Quem me dera estar em uma cervejaria de Londres! De bom grado daria a minha fama pelo sossego e uma caneca de cerveja.

PISTOLA · Eu também.

Se meus votos se cumprissem,
esforço não me faltara
para voar para lá.

PAJEM · Tão certo,
mas não tão verdadeiro
como o canoro pássaro no galho.

(Entra Fluellen.)

FLUELLEN ·

Para a precha, cães! Para a frente, covardes!

(Empurrando-os para diante.)

PISTOLA · Mostra-te, grande duque, compassivo com criaturas de argila!

Abate a fúria varonil, abate, grande duque, essa fúria!

Sê compassivo, coração bondoso!

Minha beleza, calma!

NYM · Bom humor é isso; Vossa Honra só conquista mau humor.

(Saem Nym, Pistola e Bardolfo, seguidos por Fluellen.)

PAJEM · Embora eu tenha poucos anos, já observei bem esses três fanfarrões. Sou pajem dos três; mas eles todos, reunidos, se tivessem de me servir, não chegariam a fazer um homem; sim, que três bobos dessa marca, somados, ainda são menos do que um homem. Bardolfo tem o fígado branco e o nariz vermelho, motivo por que avança, mas não briga; Pistola é de língua mortífera e de espada calma, do que resulta quebrar bem as palavras, mas conservar intactas as armas. Quanto a Nym, ouviu dizer que os homens valentes falam pouco, razão por que não se rebaixa nem para rezar, com medo de ser tomado por medroso. Mas se são escassas as suas palavras ruins, mais, ainda, o são os feitos valorosos, pois a única cabeça humana que em toda a vida ele partiu foi a ele próprio, ao batê-la numa ponte, por estar embriagado. Os três dão o nome de compra a tudo o que roubam. De uma feita Bardolfo roubou uma caixa de aláu-de e foi vendê-la a doze léguas por três pence e meio. Nym e Bardolfo são irmãos de gatunice; em Calais roubaram uma pá de fogão, do que eu concludo que ambos se sujam por pouca coisa. Eles queriam que eu me tornasse tão familiar com o bolso alheio, como as luvas e os lenços; mas não diz com a minha virilidade passar algo do bolso alheio para o meu: seria o mesmo que empalmar ações ruins. Preciso deixá-los e procurar coisa melhor. Meu estômago não agüenta essas vilanias, é obrigado a repeli-las.

(Sai.)

(Volta Fluellen; Gower o segue.)

GOWER · Capitão Fluellen, é preciso que vades imediatamente para as minas; o Duque de Gloster deseja falar-vos.

FLUELLEN · Para as minas? Dizei ao duque que não é nada pom ir para as minas. Ora vede, as minas não estão de acordo com as disciplinas da guerra; não têm concavidade suficiente; porque o atversário, ora

vede — podeis dizer isso mesmo ao duque, ora vede — cavou quatro jardas de contramina. Por Chechus, penso que tudo irá pelos ares se ele não tomar outras brovidências.

GOWER · O Duque de Gloster, que está dirigindo o cerco, se deixa influenciar por um irlandês, gentil-homem muito valente, por minha fé.

FLUELLEN · É o Gabitão Macmorris, não é verdade?

GOWER · Penso que sim.

FLUELLEN · Por Chechus, é um asno, como não há outro igual no mundo todo, e isso mesmo eu lhe provarei na barba. Ele entende tanto da direção da verdadeira disciplina da guerra, ora vede, das disciplinas romanas, como qualquer criança.

(Entram Macmorris e Jamy.)

GOWER · Ele vem vindo aí, junto com o capitão escocês, o Capitão Jamy.

FLUELLEN · O Gabitão Jamy é um gentil-homem maravilhosamente faloroso, essa é que é a verdade, e de grande expedição e conhecimento nas guerras antigas, declaro-o pelo meu conhecimento baticular nessa direção. Por Chechus, ele mantém seus argumentos tão bem como qualquer militar do mundo, nas disciplinas das primitivas guerras dos romanos.

JAMY · Bom tia, Capitão Fluellen.

FLUELLEN · Pom dia a Vossa Senhoria, meu pom Gabitão James.

GOWER · Então, Capitão Macmorris!

Abandonastes as minas? Os cavocadores já pararam?

MACMORRIS · Oh Deus, que pena! Chuspenderam o trapalho; já deram o toque de retirada. Juro por esta mão e pela alma de meu pai que o trapalho está malfeito; já foi chuspense. Cristo me salve, mas eu teria feito saltar a cidade em uma hora. Foi malfeito, foi malfeito! Por esta mão, foi muito malfeito.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, sublico-vos agora que me concedais, ora vede, algumas disputações convosco em parte relativas às disciplinas da guerra, as guerras romanas, por via de argumento, ora vede, e amigável comunicação. Em parte para satisfazer a minha obinião e em parte, ora vede, para satisfazer o meu espírito no que diz respeito à direção da disciplina militar. Eis o ponto.

JAMY · Por minha fé, isso vai ser muito pom, meus pons capitães ambos. *(À parte.)* Mas vou tratar de me

livrar de ambos, logo que o puder. Por Deus, é o que farei.

MACMORRIS · Cristo me proteja, mas o tempo não é para discussões; o dia está muito quente, e o tempo, e as guerras, e o rei, e os duques; o tempo não é para discussões. A cidade está cercada e a trombeta nos chama para a brecha, e nós aqui a falar — por Cristo! — sem fazermos nada. É vergonhoso. Deus me proteja, mas é vergonhoso ficarmos parados; sim, é vergonhoso, juro por esta mão. Tantas gargantas para serem cortadas, tanto trabalho por fazer, e nós aqui sem fazermos nada! Cristo me ampare, bah!

JAMY · Pela santa missa! Antes que estes olhos vão dormir, ou eu farei um bom serviço, ou ficarei em paixo da terra. Sim, ou hei de morrer. Vou prigar com tanto valor quanto me for bossível. Sem falta alguma; no curto e no comprido. Por minha fé, teria grande brazer em vos ouvir discutir algumas questões.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, eu penso, ora vede, salvo correção de vossa parte, que não há muitos indivíduos de vossa nação...

MACMORRIS · Da minha nação? Que é a minha

nação? Algum vilão, por acaso, um bastardo, um escravo, algum maroto? Que é a minha nação? Quem está falando da minha nação?

FLUELLEN · Ora vede, se tomais as coisas por modo diferente do que eu digo, Gabitão Macmorris, virei a pensar porventura que não usais comigo da afabilidade que deveríeis ter comigo em discrição, ora vede, por eu ser um homem tão pom quanto vós, tanto nadisciplina das guerras como pela derivação do nascimento e em outras particularidades mais.

MACMORRIS · Não vos reconheço como meu igual. Cristo me salve, mas vou cortar-vos a cabeça.

GOWER · Senhores, senhores, estais equivocados!

JAMY · Que coisa lamentável!

(Ouve-se toque de parlamentar.)

GOWER · A cidade está chamando para parlamentar.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, quando se nos oferecer melhor ocasião, ora vede, eu tomarei a liberdade de vos demonstrar que conheço a disciplina das guerras. E por agora, ponto!

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Diante das portas de Harfleur.

Aparecem sobre os muros o governador e alguns cidadãos; embaixo, as forças inglesas. Entra o Rei Henrique com o seu séquito.

REI HENRIQUE · Que decide o governo da cidade? Esta é a última vez que conversamos.

Entregai-vos, por isso, a nossa graça; se não, como indivíduos desejosos de morrer, abusai de nossa cólera.

Do contrário, em meu nome de soldado — título que me assenta mais que todos, segundo penso — caso novamente eu fizer disparar a artilharia, não deixarei Harfleur, já quase extinta, senão depois de a soterrar em cinzas. Fechadas ficarão todas as portas da piedade; os soldados insaciáveis,

duros de coração e embrutecidos, de consciência tão larga quanto o inferno, não mais detendo o braço sanguinário, como a erva ceifarão vossas donzelas graciosas e os filhinhos florescentes. A mim que importa se a impiedosa guerra, de ornamentos de fogo como o príncipe dos demônios, com rosto enegrecido, cometa toda sorte de desmandos, próprios do saque e da devastação? Que terei eu que ver, se sois vós próprios os culpados de virem vossas filhas a ser presas da mais intolerável e feroz violação? Que rédeas podem deter a licenciosa impudicícia, quando, montanha abaixo, se despenha? Tão pouco resultado alcançaríamos procurando pôr cobro nos excessos

dos soldados entregues à pilhagem, como se ao Leviatã determinássemos que viesse para a praia. Por tudo isso, homens de Harfleur, mostrai-vos compassivos com vosso próprio povo e com a cidade, enquanto os meus soldados me obedecem, e enquanto o fresco e temperado vento da graça espalha as nuvens tempestuosas do assassinio violento, da pilhagem, da infâmia inominável. Do contrário, sem demora tereis de ver o cego, sanguinário soldado, com mãos sujas desmanchar o cabelo a vossas filhas, em clamores desfeitas e angustiadas, arrastar pelas barbas argentinas vossos cansados pais e a veneranda cabeça lhes quebrar de encontro aos muros, atravessar com lanças vossos filhos à vista, sim, das próprias mães dementes em gritos de cortar no céu as nuvens, como outrora as mulheres da Judéia na caçada sangrenta dos carrascos de Herodes. Que dizeis? Estais dispostos

a ceder, evitando esse castigo, ou quereis ser destruídos desse modo, mostrando-vos teimosos na defesa?
GOVERNADOR · Terminam hoje nossas esperanças. O delfim, a quem tínhamos pedido que nos viesse ajudar, mandou dizer-nos que não dispõe de forças suficientes para se opor a um cerco de tal monta. Por isso, grande rei, nós entregamos nossa cidade a vossa alta clemência. Nossas portas entrai; de nós disponde, de tudo quanto é nosso, que é impossível prolongar por mais tempo a resistência.
REI HENRIQUE · Abri as vossas portas. Tio de Exeter, ide ocupar Harfleur, fortificando-a contra os franceses. Perdoai a todos. Quanto a nós, caro tio, já que o inverno se acha às portas e a doença em nossas filas parece ir num crescendo, retiramo-nos para Calais. Hoje em Harfleur sou vosso, mas já amanhã estar aqui não posso.

(Rebate. O Rei Henrique entra na cidade com suas tropas.)

Ato III · Cena IV

Ruão. Um quarto no palácio.

Entram Catarina e Alice.

CATARINA · Alice, tu as esté en Angleterre, et tu parles bien le langage.

ALICE · Un peu, madame.

CATARINA · Je te prie, m'enseignez; il faut que j'apprenne à parler. Comment appelez vous la main en Anglois?

ALICE · La main? elle est appellée, de hand.

CATARINA · De hand. Et les doigts?

ALICE · Les doigts? ma foy, j'oublie les doigts; mais je me souviendray. Les doigts? Je pense qu'ils sont appellés de fingres; ouy, de fingres.

CATARINA · La main, de hand; les doigts, de fingres. Je pense que je suis le bon escolier. J'ai gagné deux mots d'Anglois vistement. Comment appelez vous les ongles?

ALICE · Les ongles? nous les appellons, de nails.

CATARINA · De nails. Escoutez; dites moy, si je parle bien: de hands, de fingres, et de mails.

ALICE · C'est bien dict, madame; il est fort bon Anglois.

CATARINA · Dites moy l'Anglois pour le bras.

ALICE · De arm, madame.

CATARINA · Et le coude?

ALICE · De elbow.

CATARINA · De elbow. Je m'en fais la répétition de tous les mots que vous m'avez appris dès à présent.

ALICE · Il est trop difficile, madame, comme je pense.

CATARINA · Excusez moy, Alice; escoutez: de hand, de fingres, de nails, de arma, de bilbow.

ALICE · De elbow, madame.

CATARINA · O Seigneur Dieu! je m'en oublie; de elbow. Comment appelez vous le col?

ALICE · De nick, madame.

CATARINA · De nick. Et le menton?

ALICE · De chin.

CATARINA · De sin. Le col, de nick; le menton, de sin.

ALICE · Ouy. Sauf vostre honneur, en verité vous prononcez les mots aussi droict que les natifs d'Angleterre.

CATARINA · Je ne doute point d'apprendre par la grace de Dieu, et en peu de temps.

ALICE · N'avez vous déjà oublié ce que je vous ay enseignée?

CATARINA · Non, je reciteray à vous promptement. De hand, de fingre, de mails...

ALICE · De nails, madame.

CATARINA · De nails, de arme, de ilbow.

ALICE · Sauf vostre honneur, d'elbow.

CATARINA · Ainsi dis je; d'elbow, de nick, et de sin. Comment appelez vous le pied et la robe?

ALICE · De foot, madame; et le coun.

CATARINA · De foot, et le coun? O Seigneur Dieu! ces sont mots de son mauvais, corruptible, gros, et impudique, et non pour les dames d'honneur d'user. Je ne voudrois prononcer ces mots devant les seigneurs de France, pour tout le monde. Foh! le foot, et le coun. Néanmoins je reciterai une autre fois ma leçon ensemble: de hand, de fingre, de nails, d'arm, d'elbow, de nick, de sin, de foot, le coun.

ALICE · Excellent, madame!

CATARINA · C'est assez pour une fois; allons nous à diner.

(*Saem.*)

Ato III · Cena V

O mesmo. Outro quarto no palácio.

Entram o Rei da França, o delfim, o Duque de Bourbon, o Condestável da França e outros.

REI DA FRANÇA ·

Dizem que já passou o Rio Somme.

CONDESTÁVEL ·

Se não lutarmos, meu senhor, proponho que deixemos a França, abandonando nossas vidas e o mais a esses selvagens.

DELFIN · Dieu vivant! Imaginar que poucas vergôntes de nós mesmos, o supérfluo da luxúria de nossos ascendentes, nossos rebentos, postos numa cepa primitiva e selvagem, de repente se elevem até às nuvens, dominando seu próprio enxertador?

BOURBON ·

Só normandos! Bastardos de normandos! Mort de ma vie! Se eles assim prosseguem, sem resistências, vendo o meu ducado para comprar alguma herdade suja nessa ilha de Álbion tão cheia de pontas.

CONDESTÁVEL ·

Dieu de batailles, de onde lhes viria tamanha fúria? Acaso não possuem clima enevado, triste e sempre frio,

em que o sol, parecendo despeitado, se mostra pálido e a colheita estiola só com sua carranca? A água estagnada, purga de égua estafada, um simples caldo de cevada consegue cozinhar-lhes o sangue regelado e lhes infunde tão valente calor? E o nosso inquieto sangue, que o vinho deixa ainda mais vivo, parecer assim frio? Oh, pelo nome de nossa terra, basta! Não fiquemos mais como caramelos pendurados nos telhados, enquanto um povo frio suas gotas de ardente mocidade nos nossos campos ricos, que merecem ser chamados de pobres, tão-somente por causa de seus donos.

DELFIN · Por nossa honra, nossas mulheres zombam de nós todos, declarando que o brio já perdemos e que ao vigor da mocidade inglesa os corpos não de dar, porque povoem de bastardos valentes nossas terras.

BOURBON · Aconselham-nos a irmos para escolas de danças aprender as altas voltas e os corantos velozes, e acrescentam que nossa graça está nos calcanhares e que somos muito hábeis corredores.

REI DA FRANÇA ·

Onde se acha Montjoy, o nosso arauto?

Despachai-o depressa; que transmita desafios altivos à Inglaterra.

Todos de pé! Fidalgos, para a luta, com espírito de honra mais afiado

do que as espadas. Grande Condestável da França, Charles Delabreth, vós, Duques de Orleans, Bourbon, Berri,

Alençon, Brabant, Bar e Vaudemont,

Borgonha, Jaques Chatillon, Rambures,

Beaumont, Grandpré, Roussi e Fauconberg,

Fois, Bouciqualt, Lestrade e Charolois;

altos duques e príncipes, barões,

nobres e cavaleiros, pelos feudos

importantes que tendes, ora cumpre

vos lavardes de tanto vitupério.

Detende Harry Inglaterra, que passeia

a França com pendões tintos no sangue

de Harfleur. Caí sobre ele e seus soldados

como no vale a neve derretida,

sede ínfima e vassala em que os altivos

Alpes cospem, jogando as suas sobras.

Atirai-vos sobre ele — tende forças

suficientes · e, como prisioneiro,

numa carreta em Ruão no-lo entregai.

CONDESTÁVEL · Isso diz bem aos grandes. Fico triste

somente por saber que seus soldados

sejam poucos e que famintos se acham

e alquebrados por causa das jornadas.

Quando vir nossos homens, estou certo,

há de cair-lhe o coração no esgoto

do medo, oferecendo-nos, por último,

em vez de resistência, um bom resgate.

REI DA FRANÇA ·

Mandai, portanto, lorde condestável,

à Inglaterra Montjoy, sem mais delongas,

perguntar qual o importe do resgate

que vai pagar-nos. Príncipe delfim,

ficareis em Ruão, ao nosso lado.

DELFIN · Se Vossa Majestade o permitisse,

eu também seguiria.

REI DA FRANÇA · Tende calma;

preciso é que fiqueis aqui conosco.

Meu grande condestável, e vós, príncipes,

ide e trazei depressa a nossa terra

a notícia da queda da Inglaterra.

(*Saem.*)

Ato III · Cena VI

O acampamento inglês na Picardia.

Entram Gower e Fluellen.

GOWER · Então, Capitão Fluellen, estais chegando da ponte?

FLUELLEN · Bosso vos afiançar que na bonte foi feito um excelente serviço.

GOWER · O Duque de Exeter está salvo.

FLUELLEN · O Duque de Exeter é tão magnânimo como Agamémnone, e um homem que eu amo e honro com a minha alma e o coração, o meu dever, e a minha vida, e minhas forças, e todo o meu poder.

Sejam dados louvores e agradecimentos a Deus, mas não está ferido nem um tiquinho e defende a bonte valentemente e com excelente disciplina. Há na bonte um borta-pandeira que, em consciência, eu considero tão valente quanto Marco Antônio. O mundo não lhe dá o apreço devido, mas eu o vi realizando coisas admiráveis.

GOWER · Como o denominais?

FLUELLEN · Chama-se o borta-pandeira Bistola.

GOWER · Não sei quem seja.

(*Entra Pistola.*)

FLUELLEN · Eis aí o homem.

PISTOLA · Um favor, capitão, venho pedir-te.

Muito amor te dedica o Duque de Exeter.

FLUELLEN · É certo, Deus seja louvado; esforcei-me por merecer alguma afeição de sua parte.

PISTOLA · Bardolfo, miliciano dos mais bravos,

forte de coração, de sempre alegre

coragem, por cilada do cruel Fado,

bem como da volúvel e furiosa

roda da deusa cega,

a senhora Fortuna,

que se equilibra sempre sobre a pedra

que de rodar não cessa...

FLUELLEN · Com vossa permissão, borta-pandeira Bistola, mas a Fortuna é pintada cega, com uma venda

sobre os olhos para vos indicar que a Fortuna é cega, e é pintada, também, com uma roda para vos significar — e nisso consiste a moral da coisa — que ela é mudável e inconstante, e mutabilidade e variação, e tem o pé, vede bem, apoiado numa pedra esférica que roda, e roda, e roda. Com toda a seriedade, o poeta fez uma excelente descrição da Fortuna. A Fortuna, vede bem, é uma excelente moral.

PISTOLA · Pois a Fortuna é imiga de Bardolfo e lhe faz carantonhas. Por ter ele surrupiado um cibório, deve em pouco ser enforcado. Morte amaldiçoada!

Alcem-se forcas para os cães; os homens devem ser livres, sem que o imundo cânhamo lhes sufoque a traquéia.

Mas Exeter lhe cominou sentença de morte pelo roubo de um cibório de valia somenos. Vai falar-lhe; o duque há de escutar-te. Não consintas que seja, assim, cortado o filamento da vida de Bardolfo pelo gume de uma corda barata e o vil opróbrio.

Vai, capitão, falar a favor dele, que eu te serei eternamente grato.

FLUELLEN · Borta-pandeira Bistola, parece que compreendi mais ou menos o que dissestes.

PISTOLA · Então alegre-te por isso.

FLUELLEN · Não, borta-pandeira, não é o caso de gente se alegrar, porque, vede bem, ainda mesmo que ele fosse meu irmão, eu desejara que o duque fizesse como entendesse e o mandasse executar, porque a disciplina tem de ser mantida.

PISTOLA · Então vai para o inferno e uma figa para tua amizade.

FLUELLEN · Berfeitamente.

PISTOLA · Figa da Espanha.

(*Sai.*)

FLUELLEN · Muito pem.

GOWER · Ah! é um velhaco de mão cheia; estou me lembrando agora, um alcoviteiro, um batedor de carteira.

FLUELLEN · Eu vos afirmo que na bonte ele broferia balavras tão pravas como só se ouvem num dia de verão. Mas pouco imborta; o que ele me disse, está muito pem, posso asseverar-vos, quando for tempo.

GOWER · É um trapaceiro, um mentiroso, um

velhaco, que vai à guerra para, de volta, fazer bonito em Londres, com o uniforme de soldado. As pessoas dessa laia sabem o nome de todos os comandantes e vos cantam de cor tudo o que aconteceu de importância neste ou naquele forte; quem lutou valentemente, quem foi baleado, quem se desmoralizou, quais as posições do inimigo. Tudo isso eles explanam com perfeição, num estilo ataviado de imprecações novas. Não podeis imaginar que influência tem uma barba cortada no jeito da do general e de um uniforme ainda sujo da campanha, entre garrafas espumantes e cabeças lavadas na cerveja. É preciso conhecerdes essas pragas para não serdes logrados em dois tempos.

FLUELLEN · Gabitão Gower, vou dizer-vos uma coisa: já percebi que ele não é o homem por quem ele quer passar. Se eu encontrar um só furo em seu casaco, dir-lhe-ei o que penso. (*Ouve-se toque de tambor.*) Ouvi! O rei vem chegando; breciso falar-lhe a resbeito da bonte.

(*Entram o Rei Henrique, Gloster e soldados.*)

Deus apençoe Vossa Majestade.

REI HENRIQUE · Então, Fluellen, vieste da ponte?

FLUELLEN · Sim, às ordens de Vossa Majestade. O Duque de Exeter defendeu galantemente a bonte; o francês foi repellido, ora vede; houve muitos atos de heroísmo. Com a preca! O atversário queria tomar-nos a bonte, mas foi obrigado a se retirar e o Duque de Exeter continuou senhor da bonte. Bosso afirmar a Vossa Majestade que o duque á um pravo.

REI HENRIQUE · Quantos homens perdeste, Fluellen?

FLUELLEN · A perdição do atversário foi muito grande, muito razoavelmente grande, com a preca! Pela minha parte, eu julgo que o duque só perdeu um homem, que está para ser executado por haver cometido um roubo numa igreja, um tal Bardolfo, não sei se Vossa Majestade o conhece. Tem o rosto que é só bústulas, garoços e brotuberâncias e chamas de fogo; os lábios sopram o nariz, que parece carvão em brasa, algumas vezes azul, outras vermelho. Mas o nariz foi executado e o fogo se extinguiu.

REI HENRIQUE · É nosso desejo eliminar todos os transgressores. Demos ordem rigorosa para que em nossas marchas pelo país nada seja tirado à força, para que seja pago tudo o que for tomado, e que não seja ultrajado nenhum francês nem tratado

com expressões de menoscabo. Quando a doçura e a crueldade disputam um reino, ganha primeiro o jogador mais brando.

(Toque de clarins; entra Montjoy.)

MONTJOY · Já me identificastes pelas vestes.

REI HENRIQUE · Conheço-te perfeitamente; que é que vou ficar conhecendo de tua parte?

MONTJOY · O pensamento de meu mestre.

REI HENRIQUE · Então declara-o.

MONTJOY · Assim diz o meu rei: Dizei a Henrique da Inglaterra que embora pareça que tínhamos morrido, estávamos apenas dormindo. É melhor soldado a superioridade do que a pressa. Dizei-lhe que poderíamos tê-lo repellido em Harfleur, mas achamos que não valia a pena castigar uma ofensa antes de ter ela ficado madura. Chegou a nossa vez de falar com voz imperiosa: a Inglaterra virá a se arrepender de sua loucura, a convencer-se da fraqueza própria e a admirar a nossa paciência. Dizei-lhe que vá desde já pensando no resgate, que deverá ser proporcional às perdas por nós sofridas, aos súditos perdidos, às humilhações passadas, e que se a resposta for proporcional à ofensa, a insignificância dele sucumbirá sob o seu peso. É por demais pobre o seu tesouro para indenizar as nossas perdas; toda a população de seu reino não bastará para reparar a efusão de nosso sangue, e para a humilhação por que passamos, a sua pessoa, de joelhos a nossos pés, é uma fraca e indigna satisfação. Faze seguir a isso o desafio e, para concluir, lhe diz que ele traiu os companheiros, cuja condenação já está pronunciada. Foi isso o que disse o meu rei e senhor, e nisso consiste a minha incumbência.

REI HENRIQUE · Conheço a tua qualidade. Como te chamas?

MONTJOY · Montjoy.

REI HENRIQUE ·

Desempenhaste bem tua incumbência.

Podes voltar e ao teu senhor declara

que eu não vou procurá-lo, mas pretendo seguir para Calais sem empecilhos.

Porque, para ser franco — muito embora seja sinal de muito pouco siso confessar estas coisas ao inimigo — debilitados se acham meus soldados, devido às doenças, muito diminuídos os efetivos, e os que me ficaram não melhores talvez do que os franceses. Posso afirmar-te, arauto, que quando eles tinham saúde eu sempre imaginava que um par de pernas de homem da Inglaterra três franceses levasse. Deus perdoe semelhante jactância; mas o vício, de que ora me arrependo, foi pegado desse vosso ar francês. Volta, portanto, e dize ao teu senhor que aqui me encontro. Meu resgate é este corpo sem valia; meu exército, apenas um punhado de gente fraca e doente; mas, confiados na ajuda do Senhor, nós haveremos de seguir o caminho pretraçado, embora França ou outro qualquer vizinho tente opor-se-nos. Fica, pois, com isto, Montjoy, por teu trabalho. Vai-te logo; aconselha teu mestre a ter cautela. Havemos de passar, se for possível; se acharmos empecilhos, tingiremos de sangue rubro vosso escuro solo. E assim, Montjoy, adeus. A total soma do que dissemos se resume nisto: tal como estamos, não procuraremos briga; mas, como estamos, não fugimos. Dize isso ao teu senhor.

MONTJOY · Di-lo-ei sem falta.
Muitas graças a Vossa Majestade.

(Sai.)

GLOSTER · Penso que desta vez não nos atacam.

REI HENRIQUE ·

Nas mãos de Deus estamos, caro mano, não nas dele. Vai logo para a ponte; já está caindo a noite. Acamparemos na outra margem do rio e amanhã cedo nos poremos em marcha com os soldados.

(Saem.)

Ato III · Cena VII

*O acampamento francês, perto de Azincourt.
Entram o Condestável da França, Lorde Rambures, o
Duque de Orleans, o delfim e outros.*

CONDESTÁVEL · Ora, a minha armadura é a melhor armadura do mundo. Quem dera que já fosse dia!

ORLEANS · Vossa armadura é excelente, de fato; mas fazei justiça ao meu cavalo.

CONDESTÁVEL · É o melhor cavalo de toda a Europa.

ORLEANS · Afinal, não amanhece? Que demora!

DELFIN · Milorde de Orleans, e milorde grande condestável, estais falando de cavalos e armaduras...

ORLEANS · De ambas as coisas estais provido como nenhum príncipe em todo o mundo.

DELFIN · Que noite interminável! Não troco o meu cavalo por nenhum outro que marche sobre quatro patas. Ah, çá! Salta do solo como se tivesse cabelo nas entranhas: le cheval volant, Pégaso, de narinas de fogo. Pairo no alto, quando monto nele; um verdadeiro falcão. Ele trota no ar; a terra canta ao contacto de seus pés; a mais ordinária matéria córnea de seus cascos é muito mais musical do que a flauta de Hermes.

ORLEANS · É cor de noz-moscada.

DELFIN · Tem o calor do gengibre; é um animal para Perseu: somente ar puro e fogo. Nada revela dos elementos embotados, a terra e a água, a não ser na tranqüila paciência, quando montado por seu dono. É um cavalo de verdade; junto dele, os outros todos não passam de sendeiros.

CONDESTÁVEL · Tendes razão, milorde; é um cavalo admirável.

DELFIN · É o príncipe dos palafreiros; seu relincho é como ordem de rei; toda a sua figura nos obriga a lhe prestarmos homenagem.

ORLEANS · Basta, primo.

DELFIN · Sim, carece de inteligência o indivíduo que, da subida da cotovia ao recolhimento da ovelha, não souber variar os elogios que o meu cavalo merece. É um tema transbordante como o mar. Transformai a areia em línguas eloqüentes, e o meu cavalo servirá de argumento para elas todas. É digno de que a seu

respeito disserte um soberano, de que nele monte o soberano dos soberanos e de que o mundo — assim o que nos é familiar como o desconhecido — deixe de lado as suas ocupações habituais só para admirá-lo.

De uma feita escrevi em seu louvor um soneto que principiava assim: “Espanto da natura...”

ORLEANS · Já ouvi recitarem um soneto que começava desse jeito, mas era dedicado à amada do poeta.

DELFIN · Então, é porque o autor plagiou o que eu compus para o meu corcel, porque a minha amada é o meu cavalo.

ORLEANS · Vossa amada é muito dócil de montar.

DELFIN · Por mim, sem dúvida; nisso consiste o melhor elogio da amada ideal de um só dono.

CONDESTÁVEL · Ma foi, quis parecer-me que ontem vossa amada vos fez tremer o dorso com certa dose de velhacaria.

DELFIN · É mais certo ter sido a vossa.

CONDESTÁVEL · A minha amada não usa freio.

DELFIN · Ah! Então é que ela é velha e dócil, e vós montais nela como um querne irlandês, sem as peúgas francesas e os calções justos.

CONDESTÁVEL · Sois versado em matéria de equitação.

DELFIN · Se o reconheceis, deixai-vos aconselhar por mim: os que costumam montar desse jeito e não se precatam, caem facilmente em atoleiros. É por isso que eu prefiro que o meu cavalo seja a minha amada.

CONDESTÁVEL · Pois eu preferira que a minha fosse o meu cavalo.

DELFIN · Afirmo-te, condestável, que os cabelos de minha amada são dela mesmo.

CONDESTÁVEL · O mesmo eu poderia dizer, se tivesse por amada uma porca.

DELFIN · Le chien est retourné à son propre vomissement, et la truie lavée au bourbier; de tudo sabes tirar partido.

CONDESTÁVEL · Mas não transformo o meu cavalo em amada, nem faço provérbios desenxabidos.

RAMBURES · Milorde condestável, a armadura que eu vi esta noite em vossa tenda tem o sol ou estrelas como adorno?

CONDESTÁVEL · Estrelas, milorde.
 DELFIM · É de esperar que algumas caiam amanhã.
 CONDESTÁVEL · Mesmo que isso se dê, o meu firmamento não se ressentirá.
 DELFIM · É possível, que tendes estrelas demais; seria mais honroso diminuir-lhes o número.
 CONDESTÁVEL · O mesmo se dá com os elogios a vosso cavalo, que trotaria do mesmo jeito, se as vossas bazólias ficassem desmontadas.
 DELFIM · Desejara carregá-lo com todo o seu merecimento. E esse dia que não chega! Amanhã quero galopar uma milha e deixar a estrada calçada de rostos de ingleses.
 CONDESTÁVEL · Não digo a mesma coisa, de medo que a estrada me faça caretas; mas desejo que já seja dia, só para pegar os ingleses pelas orelhas.
 RAMBURES · Quem quer apostar comigo em como vou fazer vinte prisioneiros ingleses?
 CONDESTÁVEL · Será mais fácil jogardes vossa própria pessoa do que fazer esses prisioneiros.
 DELFIM · É meia-noite; vou armar-me.

(Sai.)

ORLEANS · O delfim está ansioso para que amanheça.
 RAMBURES · E também para comer ingleses.
 CONDESTÁVEL · Penso que ele vai comer todos os que matar.
 ORLEANS · Pelas brancas mãos da minha amada, é um príncipe valente.
 CONDESTÁVEL · Jurai por seus pés, para que ela possa pisar no juramento.
 ORLEANS · Sem dúvida alguma, é o mais ativo gentil-homem da França.
 CONDESTÁVEL · Fazer alguma coisa é ser ativo, e ele está sempre ocupado.
 ORLEANS · Jamais ouvi dizer que ele houvesse feito mal a quem quer que seja.
 CONDESTÁVEL · Nem o fará amanhã; ainda desta vez conservará intacta a reputação.
 ORLEANS · Considero-o um homem de muita coragem.
 CONDESTÁVEL · Já ouvi isso mesmo de alguém que o conhece melhor do que vós.
 ORLEANS · Quem foi?
 CONDESTÁVEL · Ora, ele mesmo, tendo acrescentado que não se importava de que o soubessem.

ORLEANS · Sim, nem precisa preocupar-se com isso, que não é virtude que se possa esconder.
 CONDESTÁVEL · Pois é justamente o que se dá; a não ser o seu criado, nunca ninguém a viu até hoje. É bravura encapuçada, que, quando descoberta, fica desorientada.
 ORLEANS · “A má-vontade não elogia.”
 CONDESTÁVEL · Responderei a vosso provérbio com o seguinte: “A amizade sempre adula”.
 ORLEANS · Que eu aceito com o acréscimo: “Sejamos justos até com o próprio demônio”.
 CONDESTÁVEL · Isso vem a calhar; o vosso amigo fará as vezes do diabo. E para vos retribuir na mesma moeda, direi somente: “Para o diabo que o parta!”
 ORLEANS · Em matéria de provérbios sois mais forte do que eu. “O arco do tolo dispara depressa.”
 CONDESTÁVEL · Ultrapassastes a marca.
 ORLEANS · Não seria a primeira vez que fôsseis ultrapassado. *(Entra um mensageiro.)*
 MENSAGEIRO · Milorde grande condestável, o inglês está acampado a mil e quinhentos passos de vossa tenda.
 CONDESTÁVEL · Quem mediu o terreno?
 MENSAGEIRO · Lorde Grandpré.
 CONDESTÁVEL · É um gentil-homem valente e experimentado. Quem dera que já fosse dia! Ah! Pobre Henrique da Inglaterra! Ele não está ansioso como nós, para que amanheça.
 ORLEANS · Que sujeito imprevidente o rei da Inglaterra, para se arriscar, assim, tão longe, com os seus homens de cérebro enxundioso!
 CONDESTÁVEL · Se os ingleses tivessem um tiquinho de senso, não ficariam aqui um só instante.
 ORLEANS · Senso é o que eles não têm; porque se tivessem na cabeça armadura intelectual, não carregariam capacetes tão pesados.
 RAMBURES · A ilha da Inglaterra alimenta criaturas valentes, em verdade: seus buldogues são de coragem sem igual.
 ORLEANS · São cães estúpidos, isso sim, que se atiram de olhos fechados à boca de um urso da Rússia e se deixam esmagar a cabeça como maçãs podres. Com igual propriedade poderíeis afirmar que é corajosa a pulga que tira o seu almoço do beijo de um leão.
 CONDESTÁVEL · Justo, justo; esses homens são como os seus mastins, na força e no ímpeto do

ataque; deixam a inteligência com as mulheres. Dai-lhes bons bifés com ferro e aço, que eles comerão como lobos e combaterão como demônios.

ORLEANS · É certo; mas esses ingleses, o que eles não vêem há muito tempo é bife.

CONDESTÁVEL · Então amanhã vamos nos

convencer de que eles só têm apetite para comer, não para brigar. Mas já é tempo de nos armarmos. Vamos?

ORLEANS · São duas horas; ponhamos os arneses para cada um trazer uns cem ingleses.

(*Saem.*)

Prólogo

Entra o Coro.

CORO · O tempo agora imaginar vos cumpre do murmúrio insinuante em que a caligem, que a meditar convida, ocupa a imensa vastidão da vasilha do universo.

O sussurro dos dois acampamentos tão de mansinho se insinua pelo seio fosco da noite, que os soldados de sentinela poderiam, quase, ficar sabendo a senha dos contrários.

Fogo responde a fogo; cada exército vê através das chamas descoradas o rosto ensombrecido do inimigo; com relinchos altivos, os cavalos de um lado e de outro lançam desafios que o ouvido cortam da morosa noite. No interior das barracas, os armeiros seus senhores aprontam, e as batidas dos seus ágeis martelos nos rebites, dão a terrível nota dos preparos.

Os galos cantam vigilantes, soam os sinos, anunciando a hora terceira à sonolenta noite. Envaidecido pelo número, na alma a segurança, o francês confiante e sempre alegre joga no dado o inglês pouco temido, rindo da noite retardada e coxa que, como feiticeira imunda e feia, tão devagar avança. Os condenados ingleses, coitadinhos, como vítimas à volta se colocam das fogueiras vigilantes, e, cheios de paciência, pensam interiormente nos perigos que a manhã lhes trará. Seu triste aspecto

ressaltante dos rostos encovados e das vestes rustidas nas campanhas, à luz da lua faz que eles pareçam outros tantos espectros horrorosos. Oh, quem pudesse ver o grande chefe deste bando arruinado, percorrendo postos de guarda e tendas, não deixara de lhe dizer: “Louvor e muita glória sobre a tua cabeça!” Ele não pára; visita suas tropas, dá Bom dia a todos, sorridente, com modéstia, chama-os de irmãos, amigos e patrícios. Indício algum no rosto se lhe nota do terrível exército que o cerca, sem que na cor revele a mais pequena concessão a uma noite de vigília; tem aspecto loução, vence as canseiras com gesto alegre e doce majestade, de modo tal que os mais desanimados, contemplando-o, de pronto se refazem. Como a do sol, universal bondade seu olhar liberal confere a todos, fazendo derreter o frio medo. Vós todos, grandes e pequenos, vede na desvaliosa descrição que faço, este retrato pálido de Henrique na calada da noite. E assim, a cena vai voar para o campo de batalha, onde — oh pena! — seremos obrigados, com quatro ou cinco míseros floretes, dispostos por maneira atabalhoada, em recontros ridículos, a o nome estropiar de Azincourt. Mas pouco importa: consenti que por passes de magia tudo vos mude em grande a fantasia.

(*Sai.*)

Ato IV · Cena I

*O acampamento inglês em Azincourt.
Entram o Rei Henrique, Bedford e Gloster.*

REI HENRIQUE ·

Decerto, Gloster, o perigo é enorme;
maior, portanto, deve ser nosso ânimo.
Bom dia, irmão Bedford. Deus poderoso!
No mal há sempre uma alma de bondade,
que os homens, se atenção a isso prestassem,
destilar poderiam. Desse modo,
nossos ruins vizinhos nos obrigam
a madrugar, o que é saudável e útil.
Além do mais, eles também nos servem
de consciência exterior e o papel fazem
de pregadores que a morrer ensinam.
Assim, tiramos mel de erva daninha
e aprendemos moral com o próprio diabo.

(Entra Erpingham.)

Meu bom Sir Tomás Erpingham, bom dia.
Melhor fora pousardes essa cândida
cabeça num macio travesseiro
do que nesta mesquinha erva da França.
ERPINGHAM · Não é assim, senhor; é preferível
deitar-me desse modo, porque eu possa
dizer: Estou alojado como um rei.

REI HENRIQUE ·

Bom é que o exemplo dos presentes males
seja instrutivo aos homens. Isso o espírito
alivia e, uma vez este desperto,
os membros, antes mortos e sem vida,
saem do grave túmulo e se movem
com pele nova e fresca ligeireza.

Sir Tomás, emprestai-me vossa capa;
aos príncipes do vosso acampamento,
manos, recomendai-me, transmitindo
de minha parte, a todos, o Bom dia,
e lhes dizei que com a maior urgência
para a minha barraca se dirijam.

GLOSTER · Pois não, meu soberano.

(Saem Gloster e Bedford.)

ERPINGHAM · E eu? Ficarei com Vossa Majestade?

REI HENRIQUE ·

Não, meu bom cavaleiro; ide, com eles,
para junto dos nobres da Inglaterra.

Preciso aconselhar-me com meu peito
mas, para isso, desejo estar sozinho.

ERPINGHAM ·

Deus te abençoe, muito nobre Henrique.

(Sai.)

REI HENRIQUE ·

Obrigado, bom velho; isso me anima.

(Entra Pistola.)

PISTOLA · Qui va là?

REI HENRIQUE · Amigo.

PISTOLA · És, acaso, oficial? Responde logo;
ou gente popular, baixa e comum?

REI HENRIQUE ·

Sou gentil-homem de uma companhia.

PISTOLA · Trazes, acaso, a lança temerosa?

REI HENRIQUE ·

Precisamente. E tu, de onde provéns?

PISTOLA ·

Tal como o imperador, sou gentil-homem.

REI HENRIQUE ·

Vales, portanto, muito mais que o rei.

PISTOLA · O rei é um bom rapaz, coração de ouro,
favorito da Fama, alegre moço,
de nobres pais e pulso resistente.

Beijo-lhe as botas empoeiradas e amo
de todo o coração esse adorável
espadachim. E tu, como te chamas?

REI HENRIQUE · Henrique le Roy.

PISTOLA · Le Roy? Esse nome é da Cornualha.

Pertences ao pessoal da Cornualha?

REI HENRIQUE · Não; sou do País de Gales.

PISTOLA · Conheces Fluellen?

REI HENRIQUE · Conheço.

PISTOLA · Dize-lhe, então, que eu vou quebrar-lhe
na cabeça o alho do emblema de sua terra, quando
chegar o dia de São Davi.

REI HENRIQUE · Então, nesse dia não ponhas a
adaga no chapéu, para que ele não venha a parti-la
em tua cabeça.

PISTOLA · És amigo dele?

REI HENRIQUE · Amigo e parente.

PISTOLA · Então uma figa também para ti.

REI HENRIQUE · Muito agradecido. Deus esteja
contigo.

PISTOLA · Meu nome é Pistola.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE · Diz bem com tua valentia.

(*Afasta-se.*)

(*Entram Fluellen e Gower, por diferentes lados.*)

GOWER · Capitão Fluellen!

FLUELLEN · Chiu! Em nome de Chechus Cristo, falai mais baixo. A maior admiração no mundo universal é quando não são observadas as verdadeiras e antigas prerrogativas e as leis da guerra. Se vos dêsseis ao trapalho de examinar as guerras de Pompeu, o Grande, veríeis, posso afiançar-vos, que no acampamento de Pompeu não havia diz-que-diz-que nem chove-não-molha. Posso afiançar-vos que encontrareis as cerimônias da guerra, e suas precauções, e suas formas, e sua sobriedade, e sua modéstia, por modo inteiramente diferente.

GOWER · Ora, o inimigo é barulhento; ouviste-lo a noite toda.

FLUELLEN · Se o inimigo for um asno, e um louco, e um fanfarrão vaidoso, pensais que ficaria bem, ora vede, que nós também fôssemos asnos, loucos e fanfarrões como eles? Vamos, respondi em sã consciência.

GOWER · Bem; falarei mais baixo.

FLUELLEN · Beço-vos e sublico-vos isso mesmo.

(*Saem Gower e Fluellen.*)

REI HENRIQUE · Embora nos pareça um tanto excêntrico, é este galense bravo e cuidadoso.

(*Entram John Bates, Alexandre Court e Michael Williams.*)

COURT · Irmão John Bates, não é a manhã que vem rompendo daquele lado?

BATES · Penso que sim; mas não me parece que tenhamos razões para desejar a vinda do dia.

WILLIAMS · Estamos vendo o começo do dia; mas quero crer que não veremos o fim. Quem vem lá?

REI HENRIQUE · Amigo.

WILLIAMS · Com que capitão estais servindo?

REI HENRIQUE · Com Sir Tomás Erpingham.

WILLIAMS · É um velho e bravo comandante e gentil-homem de grande merecimento. Por obséquio, que é que ele pensa de nossa situação?

REI HENRIQUE · Considera-nos naufragos em um banco de areia, que só esperam ser arrastados pela primeira maré.

BATES · Mas com certeza ele não disse ao rei o que pensa?

REI HENRIQUE · Não, nem seria conveniente que o fizesse. Porque, aqui entre nós, eu penso que o rei é um homem como eu; a violeta tem para ele o mesmo aroma que para mim; ele sente como eu os efeitos dos elementos; todos os seus sentidos estão sujeitos às condições humanas: se lhe tirarmos as exterioridades, ele aparecerá em sua nudez como um simples homem, e, conquanto suas impressões se librem mais do que as nossas, quando descem, o fazem com o mesmo vôo. Por essa razão, quando ele encontra motivos para ter medo, como se dá agora conosco, seu medo, podeis ficar certos disso, tem o mesmo sabor que o nosso. Daí a razão de ninguém lhe dizer francamente o que pensa, para não acontecer que, dando a conhecer as suas inquietações, ele venha a causar desânimo nas tropas.

BATES · Ele pode demonstrar a coragem que quiser; mas estou certo de que apesar do frio desta noite, ele preferia estar mergulhado no Tâmis até o pescoço, tal como eu também lhe desejo, se pudesse ficar ao seu lado, para o que desse e viesse. Pelo menos não estaríamos aqui.

REI HENRIQUE · Por minha fé, vou dizer-vos em consciência o que penso do rei: sou de opinião que ele não desejaria estar senão onde está mesmo.

BATES · Nesse caso, eu quisera que ele estivesse sozinho, porque seria resgatado e muitos coitados não perderiam a vida.

REI HENRIQUE · Atrevo-me a pensar que não lhe tendes tão pouco amor para desejardes que ele estivesse aqui sozinho; falais desse modo só para pôr à prova o sentimento dos outros. Enquanto a mim, em parte alguma poderia morrer tão satisfeito como na companhia do rei: sua causa é justa e a requêsta, honrosa.

WILLIAMS · Isso é mais do que podemos saber.

BATES · Ou mais do que nos compete inquirir. Já é suficiente sabermos que somos súditos do rei. Se sua causa for injusta, nossa obediência nos limpará de toda culpa.

WILLIAMS · Sim, mas se for injusta, o rei terá de prestar contas muito sérias, quando todas as pernas, e braços, e cabeças, decepadas na batalha, se tornarem a juntar no dia de juízo, e gritarem a uma voz: “Foi em tal lugar que morremos!” alguns amaldiçoando, outros, em gritos, pedindo um cirurgião, outros pensando nas esposas que ficaram

sem recursos, outros em suas dívidas, outros nos filhos prematuramente órfãos. Sou de opinião que muito pouca gente morre bem em um campo de batalha; pois como é possível cuidar da salvação da alma com preocupações sanguinárias? Ora, se todos esses homens não morreram em estado de graça, será um mau negócio para o rei, que os conduziu a isso, uma vez que, como súditos, não lhe podem desobedecer.

REI HENRIQUE · Nesse caso, quando naufraga em estado de culpa um filho que viaja a negócios do pai, por vossa regra o peso de sua maldade deve recair no pai, por conta de quem ele viajava; ou quando é assaltado na estrada um servo que, por ordem do patrão, transportasse determinada quantia, e morre carregado de iniquidades, estais no direito de dizer que o negócio do patrão foi a causa de vir a ser condenado o servo. Mas não é assim; o rei não pode ser responsável pelo fim particular de seus soldados, nem o pai pelo do filho, nem o patrão pelo do criado, porque nenhum deles, ao lhes dar ocupação, desejava que morressem. Além do mais, não há rei nenhum, por mais justa que seja a sua causa, que, ao decidi-la pela espada, conte somente com soldados impecáveis. Alguns terão, porventura, cometido o pecado de homicídio premeditado; outros enganaram virgens, rasgando o selo do perjúrio; outros, fazendo da guerra baluarte, feriram o gentil seio da paz com pilhagens e roubos. Ora, se todos esses homens violaram a lei e conseguiram escapar da pena natural, conquanto tivessem podido fugir dos homens, não terão asas para escapar de Deus. A guerra é o seu preboste; a guerra é a sua vingança. Desse modo, são punidos na querela do rei os que antes transgrediram as leis do próprio rei: onde temiam a morte, saíram-se com vida, para morrerem onde esperavam salvar-se. Assim sendo, no caso de morrerem em estado de pecado, o rei não será responsável por sua danação, como o não era antes com relação às faltas por que são ora visitados. A alma dos súditos só a eles mesmos pertence. Por isso, os soldados deviam proceder nos campos de batalha como os doentes em seus leitos, que expungem a consciência dos argueiros que a inquiriam. Nessas condições, a morte lhes será vantajosa; mas ainda que não venham a morrer em combate, devem abençoar o

tempo perdido na aquisição desses preparativos, não constituindo pecado, para quem vier a escapar nessas condições, imaginar que, tendo feito a Deus a oferta voluntária da vida, Deus a conservasse nesse dia, para que ele desse testemunho de sua grandeza e ensinasse aos outros como devem preparar-se para a morte.

WILLIAMS · Não há dúvida: os que morrem em estado de pecado, é sobre eles que o pecado recai; o rei não é responsável por isso.

BATES · Não pretendo que ele responda por mim, mas estou disposto a lutar por ele como me for possível.

REI HENRIQUE · Eu ouvi o rei dizer que não desejava ser resgatado.

WILLIAMS · Ora, ele falou desse jeito para que nós brigüemos com mais disposição; mas quando estivermos com as gargantas cortadas, ele será resgatado, sem que por isso nos tornemos mais ajuizados.

REI HENRIQUE · Se eu ficar com vida para ver isso, jamais confiarei em sua palavra.

WILLIAMS · Quereis tomar-lhe satisfação, não é assim? É um tiro perigoso, disparado com uma espingarda de brinquedo, contra um monarca, pelo descontentamento de um simples particular. Seria o mesmo que pretender congelar o sol abanando-lhe o rosto com uma pena de pavão. Não confiareis mais na palavra do rei? Isso é que se chama falar sem nexo.

REI HENRIQUE · Vossa repreensão é um tanto pesada; em outras condições, eu poderia sentir-me ofendido.

WILLIAMS · No caso de não morrerdes, podemos resolver a questão.

REI HENRIQUE · De acordo.

WILLIAMS · E como eu poderei reconhecer-te?

REI HENRIQUE · Dá-me um penhor qualquer; trá-lo-ei no chapéu, e farei dele objeto de querela no momento em que ousares reconhecê-lo como teu.

WILLIAMS · Eis minha luva; agora dá-me uma das tuas.

REI HENRIQUE · Aqui a tens.

WILLIAMS · Vou trazê-la também no chapéu. Se, a partir de amanhã, tu te achegares para mim e me disseres: “Esta luva me pertence”, juro por esta mão que te darei uma bofetada.

REI HENRIQUE · Se ficar vivo, não deixarei de reclamá-la.

WILLIAMS · Será mais fácil deixares-te enforcar.

REI HENRIQUE · Pois hei de fazê-lo, ainda que eu te encontre na companhia do rei.

WILLIAMS · Vê lá! Mantém a palavra. Passa bem.

BATES · Fazei as pazes, ingleses desmiolados; tornai-vos amigos! Não nos faltarão brigas francesas; é só querer achar.

REI HENRIQUE · De fato, os franceses podem apostar vinte coroas francesas contra uma em como eles nos vão bater, porque as trazem sobre os ombros. Mas não se tornará traidor o inglês que cortar coroas francesas; amanhã até mesmo o rei vai transformar-se em um falsificador de moedas.

(Saem os soldados.)

Só sobre o rei! Ponhamos nossas vidas, nossas almas, as dívidas, os filhos, as esposas ansiosas, os pecados, tudo, em cima do rei! Forçoso é tudo suportarmos. Oh dura condição! Ser gêmeo da grandeza e estar sujeito ao capricho do sopro dos estultos que só sabem sentir suas próprias dores. Quantas satisfações são proibidas aos reis para que os súditos se alegrem! Que têm os reis a mais de seus vassallos, além do rito, além das cerimônias exteriores? Que vales, rito ocioso? Que espécie és tu de deus, para sofrereres muito mais do que os teus adoradores a condição humana! Onde os teus lucros? Tuas rendas? Oh rito, ao menos mostra-me o teu valor! Em que consiste o culto que te prestam? És mais alguma coisa do que um lugar, um título, uma forma que nos homens infunde espanto e medo? Temido, és muito menos venturoso do que quantos te temem. Que bebes tu, senão tão-só o veneno da adulação, em vez de sã homenagem? Oh grandeza soberba, fica doente, mandando à Majestade que te cure! Pensas que vai ceder a ardente febre tão-somente com títulos soprados pela bajulação? Que ela se aparte, para ceder lugar às curvaturas e às mesuras servis? Porque comandas o joelho do mendigo, acaso pensas que o seu vigor, também, te está sujeito?

Não é assim, sonho orgulhoso; brincas com o repouso de um rei por modo absurdo. Mas eu sou rei e há muito te conheço. Sei que não é o bálsamo sagrado, a coroa imperial, o cetro, o globo, a espada, a maça, as vestes adornadas de pedras reluzentes, o pomposo título que precede o soberano, o trono em que se assenta e, muito menos, a maré de honras que na praia bate do mundo transitório, nada disso, cerimônia três vezes majestosa, tudo isso posto num dossel esplêndido não poderá gozar do sono calmo do vil escravo que com o corpo cheio e o espírito vazio vai deitar-se, com o pão da desventura satisfeito, sem que jamais contemple a noite horrenda, essa filha do inferno. Como a escravo, de sol a sol o queima o olhar de Febo, mas repousa no Elísio a noite toda; de manhã cedo a Hiperião ajuda a atrelar os cavalos, e assim passa o ano em seu curso eterno, até que ao túmulo o conduza a tarefa proveitosa. Desta arte, afora as pompas, um laçao que passe o dia inteiro no trabalho e as noites a dormir, só tem vantagens em relação a um rei. O vil escravo, membro da paz da terra em que labuta, dela se goza; mas no seu espírito não fez nenhuma idéia das vigílias que o rei tem de passar para que possa conservar essa paz, cujos minutos redundam em vantagem do campônio.

(Volta Erpingham.)

ERPINGHAM · Milorde, vossos lordes vos procuram por todo o campo; eles estão inquietos por não vos encontrarem.

REI HENRIQUE · Meu bom velho cavaleiro, levai-os para a minha barraca; chegarei lá antes deles.

ERPINGHAM · Fá-lo-ei, milorde.

(Sai.)

REI HENRIQUE · Deus das batalhas, endurece o peito dos meus soldados! Tira-lhes o medo;

da faculdade os priva, por instantes,
de calcular, no caso de se virem
desanimados pela quantidade
dos inimigos. Hoje não, Senhor!
Oh! hoje não! Esquece-te por hoje
do crime de meu pai, por ter do cetro
se apossado. Inumei de novo o corpo
de Ricardo, deitando em cima dele
mais lágrimas contritas do que as gotas
de sangue que a violência fez correr.
Anualmente sustento do meu bolso
cento e cinquenta pobres que levantam
duas vezes por dia as mãos esqueléticas
para expiação do crime. Dois conventos

foram por mim construídos, onde padres
solenes e severos ainda cantam
pela alma de Ricardo. Ainda pretendo
fazer mais; muito embora quanto eu possa
fazer de nada valha, que é tardio
meu arrependimento, pois só sabe
suplicar o perdão.

(Volta Gloster.)

GLOSTER · Meu soberano!

REI HENRIQUE ·

É a voz de Gloster, meu irmão? É certo;
sei a que vens. Partamos logo; o dia
e os amigos me aguardam com alegria.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

O acampamento francês.

Entram o delfim, Orleans, Rambures e outros.

ORLEANS · O sol nos doura as armas. Despertai,
milordes, despertai!

DELFIN · Montez à cheval! Meu cavalo! Valet!
Lacuais! Ah!

ORLEANS · Que admirável ardor!

DELFIN · Via! Les eaux de la terre!

ORLEANS · Rien puis? L'air et le feu.

DELFIN · Ciel, primo Orleans!

(Entra o condestável.)

Milorde condestável, que há de novo?

CONDESTÁVEL ·

Ouvi como relinham, de impacientes,
nossos cavalos.

DELFIN · Montai logo neles
e cortai-lhes os flancos, porque o sangue
quente salte nos olhos dos ingleses
e lhes apague o excesso de coragem.

RAMBURES · Se chorarem o sangue dos cavalos
em que montarmos, como poderemos
contemplar-lhes as lágrimas?

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Milordes,
os ingleses tomaram posição.

CONDESTÁVEL · A cavalo, depressa, bravos príncipes,
a cavalo! Será bastante olhares

para aqueles coitados esfaimados,
e logo o vosso encantador aspecto
vai as almas sugar-lhes, não deixando
mais do que a casca e a forma, apenas, de homens.
Nossas mãos não vão ter, quase, trabalho.
Em suas veias fracas não há sangue
bastante para pôr pequena mancha
nas lâminas dos sabres que os heróicos
franceses vão sacar inutilmente,
para embainhá-los a seguir, por falta
de desporto adequado. Basta um sopro
de nossa parte, para que a fumaça
de nosso ardor por terra os ponha a todos.
É indiscutível, meus senhores, fora
de dúvida que apenas a supérflua
recovagem do exército e os campônios
que em inútil azáfama enxameiam
nossos quadrados bélicos, bastavam
para expurgar do campo os inimigos
tão desprezíveis, ainda que ficássemos
ociosos no sopé daquele monte,
o que a honra não permite. Que mais falta?
Façamos pouco, pouco, um quase nada,
e tudo estará feito. Que a trombeta
soe um prelúdio, apenas, animado:
tal medo infundirá nossa presença,
que o inglês se entregará sem mais detença.

(Entra Grandpré.)

GRANDPRÉ · Nobres da França, que fazeis parados?
Os cadáveres da ilha, por não terem
mais nenhuma esperança da carcaça,
o campo matinal já estão manchando;
suas pobres bandeiras, em farrapos
estão flutuando, e nosso vento, irônico,
as sacode, ao passar. O grande Marte
parece ter falido nesse exército
de mendigos, lançando olhares fracos
através da viseira enferrujada;
os cavaleiros, segurando tochas,
se assemelham a imóveis candelabros;
as cabeças abaixam seus sendeiros,
reduzidos a pele sobre os ossos;
dos olhos mortos pinga-lhes remela;
nas bocas sem vigor o freio duplo
se acha manchado de erva mastigada,
rígido e imóvel; seus executores,

os corvos atrevidos, impacientes
de sua hora, por cima deles voam.
A descrição não pode achar palavras
para a vida pintar de um tal exército
que, em vida, tão sem vida já se mostra.
CONDESTÁVEL · Já rezaram; a morte agora esperam.
DELFIN · Deveremos mandar-lhes alimentos
e roupa nova e, assim, forragem para
seus cavalos famintos, só iniciando
depois disso o combate?
CONDESTÁVEL ·
Só espero a minha guarda. Ao campo! Ao campo!
Tomarei a bandeira a um corneteiro;
na pressa em que me encontro, isso me basta.
Vamos! Qual a razão desta demora?
O sol há muito tempo já está fora.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O acampamento inglês.

Entra o exército inglês; Gloster, Bedford, Exeter, Salisbury e Westmoreland.

GLOSTER · Onde está o rei?

BEDFORD · A cavalo saiu para revista
passar nas tropas.

WESTMORELAND · Eles têm sessenta
mil homens de combate.

EXETER · A proporção
é de cinco para um, sendo, além disso,
tropas frescas, somente.

SALISBURY · Que combata
de nosso lado o braço de Deus grande.
Terrível desvantagem! Deus esteja
com todos vós; vou assumir meu posto.

Se por acaso só nos encontrarmos
novamente no céu, então milorde
de Bedford e meu caro Lorde Gloster,
meu caro Lorde de Exeter, bondoso
primo, e vós meus soldados, até à vista!

BEDFORD · Adeus, bom Salisbury. Tenhas sorte.

EXETER · Adeus, bondoso lorde, sê valente.

Aliás, faço-te injúria assim falando,
que foste modelado na coragem.

(Sai Salisbury.)

BEDFORD · É nobre no valor e na bondade.

(Entra o Rei Henrique.)

WESTMORELAND · Oh, se agora tivéssemos ao menos
dez mil dos homens que imobilizados
se encontram na Inglaterra!

REI HENRIQUE · Quem deseja
tal coisa? Westmoreland? Não, caro primo;
se fadados estamos para a morte,
a pátria em nós, já perde muitos filhos;
mas se vivermos, quanto menos formos,
maior será nosso quinhão de glória.
Deus o decida. Não desejes, peço-te,
nenhum homem a mais dos que os que temos.

Por Jove! Não busco ouro nem riquezas;
não procuro saber quantas pessoas
à minha custa vivem; não me aflige
ver alguém envergando minhas roupas.
Essas coisas externas não me afetam.
Mas se é pecado ambicionar a glória,
sou o maior pecador que está com vida.
Não, por Deus, caro primo, não desejes
nenhum inglês a mais, que não me agrada
perder a parte da honra que me fora
preciso dividir com mais um homem.
Por minhas esperanças! Oh! não queiras
mais ninguém. Ao contrário: é de vantagem,

Westmoreland, anunciar às tropas que se alguém se sentir acovardado, poderá retirar-se antes da luta; obterá passaporte e, para a viagem, coroas levará dentro da bolsa. Não queremos morrer na companhia de quem receia perecer conosco. Hoje é dia de São Crispiniano; quem conseguir ficar hoje com vida, chegando salvo a casa, há de dar pulos de alegria ao ouvir falar na data, comovendo-se ao nome Crispiniano. Quem neste dia não perder a vida e chegar à velhice, há de todo ano, na véspera, dizer para o vizinho: “Mais um dia de São Crispiniano!” Arregaçando as mangas, mostra as marcas e dirá: “Todas estas cicatrizes são do dia de São Crispiniano”. Tudo os velhos esquecem; mas embora fique tudo esquecido, hão de lembrar-se com minúcias dos feitos deste dia. Em suas bocas serão nossos nomes tão familiares como termos de uso caseiro: o Rei Henrique, Salisbury, Gloster, Bedford, Warwick, Talbot e Exeter serão com alegria lembrados ao toque de seus copos transbordantes. Esta história os valentes hão de aos filhos transmitir, e de agora ao fim do mundo não poderá jamais ser pronunciado o nome de Crispim Crispiniano sem que lembrados todos nós sejamos. Nós, poucos; nós, os poucos felizardos; nós, pugilo de irmãos! Pois quem o sangue comigo derramar, ficará sendo meu irmão. Por mais baixo que se encontre, confere-lhe nobreza o dia de hoje. Todos os gentis-homens que ficaram na Inglaterra julgar-se-ão malditos por não terem estado aqui presentes, e hão de fazer idéia pouco nobre de sua valentia, quando ouvirem alguém dizer que combateu conosco neste dia de São Crispiniano.

(Volta Salisbury.)

SALISBURY · Meu soberano lorde, vinde logo; os franceses estão numa admirável disposição de luta e se preparam para nos atacar sem mais demora.

REI HENRIQUE · Tudo teremos, se tivermos brio.

WESTMORELAND ·

Morra quem se mostrar fraco e indeciso.

REI HENRIQUE ·

Então, primo, não queres mais auxílio da Inglaterra?

WESTMORELAND · Prouvera a Deus, meu príncipe, que vós e eu, tão-somente, aqui estivéssemos, sem mais auxílio, para sustentarmos esta batalha real.

REI HENRIQUE · Com isso tiras do campo de combate dez mil homens. Prefiro seja assim, a desejares mais um que seja. Conheceis os postos. Que Deus vos acompanhe.

(Toque de clarins. Entra Montjoy.)

MONTJOY · Rei Henrique, procuro-te de novo para saber de ti se estás disposto a conversar acerca do resgate antes de tua queda indubitável.

Tão perto tu te encontras da voragem, que serás arrastado fatalmente.

Demais, compadecido, o condestável deseja que concites teus soldados ao arrependimento, porque possam suas almas bater em retirada pacífica dos campos em que os corpos de tantos infelizes, é certeza, vão jazer brevemente e decompor-se.

REI HENRIQUE ·

Da parte de quem vens?

MONTJOY · Do Condestável da França.

REI HENRIQUE · Então retorna e lhe transmite minha anterior resposta. Que primeiro me liquide, depois venda meus ossos. Santo Deus! Por que zombam de uns coitados? O homem que a pele de um leão vendera ainda com vida, pereceu na caça. Muitos de nossos corpos, não o duvido, encontrarão na pátria a sepultura, sobre as quais, ainda o espero, há de no bronze

viver o testemunho deste dia.

E os que os ossos deixarem valorosos na França, após morrerem como bravos, serão famosos sempre, embora fiquem sepultados em vossas esterqueiras, porque lá mesmo o sol irá saudá-los, levando ao céu suas honras fumegantes, enquanto o que eles tinham de terreno o clima vos abata, e o cheiro a peste propaga em toda a França. Tomai nota do transbordante brio dos ingleses depois de mortos, que, como projétil de encontro a um corpo duro, se divide em novas trajetórias de desgraças e extingue em ricochete a mortal vida. Deixai que com orgulho eu vos declare: dizei ao condestável que nós somos guerreiros tão-somente para os dias de trabalho e que as nossas vestimentas domingueiras se encontram maculadas pelas marchas, debaixo sempre de água, nas árduas extensões; uma só pena não nos ficou no exército — argumento, quero crer, de que nós não fugiremos — e mais: que o tempo nos deixou em trapos. Mas, pela missa! estão ainda alentados os nossos corações. Nossos modestos soldados me asseveram que hoje, ainda,

eles envergarão vestes mais frescas ou, à força, tirarão pelas cabeças dos franceses seus belos sobretudos, para inutilizá-los. Se o fizerem — e hão de fazê-lo, Deus seja servido — meu resgate será logo arranjado. Arauto, não te canses mais com isso, nem voltes a falar-nos em resgate. Outro resgate, meu gentil arauto, não heis de obter além destes meus membros, que, se ficarem como tenho idéia de deixá-los, bem pouco hão de valer. Dize isso ao condestável.

MONTJOY · Rei Henrique,
farei como disseste. E agora, adeus;
não tornarás a ouvir falar no arauto.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE ·
Receio que outra vez ainda aqui voltes
por causa do resgate.

(*Entra York.*)

YORK · Humildemente,
de joelhos, soberano, eu vos suplico
conceder-me o comando da vanguarda.

REI HENRIQUE ·
Pois não, bravo York. Amigos, alegria!
A teu talante, Oh Deus, dispõe do dia.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena IV

O campo de batalha.

Alarma. Movimento de tropas. Entra um soldado francês, Pistola e o pajem.

PISTOLA · Rende-te, cão!

SOLDADO FRANCÊS · Je pense que vous estes le gentilhomme de bonne qualité.

PISTOLA · Dás-me o nome de Qualidade? Vamos, traduz-me isso. És gentil-homem? Como te chamas? Explica-te.

SOLDADO FRANCÊS · O Seigneur Dieu!

PISTOLA · Esse Ó Senhor Diê deve ser nobre. Observa o que eu te digo, Ó Senhor Diê; pesa minhas palavras: vais morrer,

Ó Senhor Diê, na ponta desta espada, salvo, Oh Senhor, no caso de me dares um resgate de vulto.

SOLDADO FRANCÊS · O, preñez misécorde! Ayez pitié de moy!

PISTOLA · Moy não serve; quarenta moys, ao todo, eis quanto hei de alcançar. Caso contrário, em gotas rubras tiro-te o diafragma, furando-te a garganta.

SOLDADO FRANCÊS · Est-il possible d'échapper la force de ton bras?

PISTOLA · Tombar, cachorro?

O tombo tu vais ver dentro de pouco, bode montês, danado e luxurioso.

O que eu quero é dinheiro.

SOLDADO FRANCÊS · O pardonnez moy!

PISTOLA · Moy de novo? Tens um tonel de moys?

PAJEM, vem cá; fala francês com ele:

pergunta o nome a esse laçao infame.

PAJEM · Escoutez: comment estes vous appellé?

SOLDADO FRANCÊS · Monsieur le Fer.

PAJEM · Ele está dizendo que se chama mestre Fer.

PISTOLA · Mestre Fer? Pois eu vou ferrá-lo, fisgá-lo, ferretoá-lo. Dize-lhe isso em francês.

PAJEM · Eu não sei como se diz em francês: ferrar, fisgar e ferretoar.

PISTOLA · Dize-lhe que se prepare, que eu vou cortar-lhe o pescoço.

SOLDADO FRANCÊS · Que dit-il, monsieur?

PAJEM · Il me commande à vous dire que vous faites vous prest; car ce soldat icy est disposé tout à cette heure de couper votre gorge.

PISTOLA · Ouy, cuppele gorge, permafoy, rústico, a menos que me dê coroa, bravas coroas, ou serás picado que nem bife por esta minha espada.

SOLDADO FRANCÊS · O! je vous supplie pour l'amour de Dieu, me pardonner! Je suis gentilhomme de bonne maison: gardez ma vie, et je vou donneray deux cents escus.

PISTOLA · Que foi que ele disse?

PAJEM · Ele suplica que lhe poupeis a vida; é um gentil-homem de muito boa casa, e vos dará de resgate duzentas coroas.

PISTOLA · Minha cólera abate-se, anuncia-lhe; ficarei com as coroas.

SOLDADO FRANCÊS · Petit monsieur, que dit-il?

PAJEM · Encore qu'il est contre son jurement de pardonner aucun prisonnier; néanmoins, pour les escus que vous l'avez promis, il est content de vous donner la liberte, lê franchisement.

SOLDADO FRANCÊS · Sur mes genoux, je vous donne mille remerciemens; et je m'estime heureux que je suis tombé entre les mains d'un chevalier, je pense, le plus brave, valiant, et très distingué seigneur d'Angleterre.

PISTOLA · Traduze-me isso, pequeno.

PAJEM · Ele vos dá, de joelhos, mil agradecimentos e se julga feliz, por haver caído nas mãos de um — segundo crê — muito bravo, valoroso e três vezes digno senhor da Inglaterra.

PISTOLA · Pelo sangue que eu chupo, hei de ser brando. Acompanha-me!

(*Sai Pistola.*)

PAJEM · Suivez vous le grand capitaine. (*Sai o soldado francês.*) Jamais ouvi uma voz tão retumbante sair de um peito tão vazio. É muito certo o provérbio: Vaso vazio faz muito barulho. Bardolfo e Nym tinham dez vezes mais coragem do que este demônio rugidor das velhas peças, cujas unhas poderiam ser cortadas com uma faca de brinquedo por qualquer pessoa. No entanto, foram enforcados, o que também aconteceria a este, se se aventurasse a praticar um roubo. Tenho de ficar com os criados, no acampamento, para tomarmos conta da bagagem. Os franceses poderiam fazer uma boa presa, se soubessem que só os pajens a defendem.

(*Sai.*)

Ato IV · Cena V

Outra parte do campo.

Rebate. Entram o delfim, Orleans, Bourbon, o condestável, Rambures e outros.

CONDESTÁVEL · O diable!

ORLEANS ·

O seigneur! le jour est perdu! tout est perdu!

DELFIN · Mort de ma vie! Tudo perdido, tudo!

O desprezo e a vergonha sempiterna se sentaram nos nossos capacetes,

de onde zombam de nós.

O mechante fortune, não nos fuja!

(*Pequeno rebate.*)

CONDESTÁVEL · Todas as nossas filas foram rotas.

DELFIN · Vergonha sempiterna! Apunhalemo-nos. São esses os famintos, cujas vidas jogávamos nos dados?

ORLEANS · O monarca cujo resgate havíamos pedido?

BOURBON · Vergonha, só vergonha, eterno opróbrio!

Vamos voltar, vamos morrer com honra. Quem não acompanhar Bourbon agora, pode se retirar, indo postar-se, chapéu na mão, qual baixo alcoviteiro, frente à porta do quarto, enquanto um reles escravo, de ascendência não mais nobre do que a do meu cachorro, há de poluir-lhe a filha mais bonita.

CONDESTÁVEL · Que a desordem que vos prejudicou, ora nos sirva:

juntos, ofereçamos nossas vidas.

ORLEANS · Ainda temos no campo muita gente; em nova arremetida fora fácil esmagar os ingleses; bastaria pôr ordem novamente em nossos homens.

BOURBON ·

Qual ordem! Quem quiser, no inferno a ponha; curta é a vida, infundável a vergonha.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena VI

Outra parte do campo.

Alarma. Entram o Rei Henrique, com forças, Exeter e outros.

REI HENRIQUE ·

Lutamos como heróis, meus conterrâneos três vezes valorosos; mas ainda há algo por fazer; o francês domina o campo.

EXETER · Recomenda-se o Duque de York a Vossa Majestade.

REI HENRIQUE · Está vivo, caro tio?

Vi-o cair três vezes em uma hora, três vezes levantar-se para a luta prosseguir, da cabeça aos pés só sangue.

EXETER · Com esse enfeite o bravo combatente repousa na planície e a torna fértil.

Ao seu lado sangrento — companheiro nas honrosas feridas — jaz o muito nobre Conde de Suffolk. O primeiro a morrer foi o conde; o duque, em tiras, se lhe achegou onde nadava o corpo num mar de sangue, toma-lhe da barba, beija as feridas que, sanguinolentas, se lhe abriam no rosto, e em brados disse: “Espera-me, prezado primo Suffolk!

Vai minha alma no céu ficar com a tua.

Alma gentil, espera a minha, e, juntas, voemos, como há pouco na batalha em que de glória ingente nos cobrimos,

para a honra enaltecer de cavaleiros”.

Aproximei-me dele nesse instante, procurando animá-lo. Com um sorriso no rosto, a mão me toma e, levemente segurando-a, me disse: “Caro lorde, recomendai meus préstimos ao rei”.

Após falar, virou-se, e o lacerado braço passando à volta do pescoço de Suffolk lhe beijou a boca pálida.

Desposados na morte, assim, com sangue selou o testamento da amizade que com tanta nobreza ali findava.

Sua gentil maneira, e delicada, o curso que forçaram destas águas que eu quisera deter. Mas não conservo quase mais nada de homem; nos meus olhos minha mãe se postou, dando-me as lágrimas que neste instante eu verto.

REI HENRIQUE · Não vos julgo passível de censura; pois, ouvindo-vos, sou obrigado a forçar os olhos turvos para deter as lágrimas.

(*Alarma.*)

Que é isso?

Novo alarma? O francês reuniu seus homens dispersados, decerto. Que os soldados matem os prisioneiros. Dai essa ordem.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena VII

Outra parte do campo.

Alarma. Entram Fluellen e Gower.

FLUELLEN · Matar os pajens e as pagagens! É expressamente contra as leis da guerra, é o mais consumado ato de velhacaria, notai bem, que se possa conceper. Em consciência, que achais?

GOWER · É certo; não ficou um só pajem com vida. E pensar que foram os desertores sem coragem que praticaram semelhante matança. Fizeram mais: pilharam e queimaram tudo o que havia na tenda do rei. Daí ter este dado ordem, com toda a razão, para que os soldados degolassem os prisioneiros. Que valente rei!

FLUELLEN · O rei nasceu em Monmouth, Gabitão Gower. Que nome dais à cidade em que nasceu Alexandre, o Grosso?

GOWER · Alexandre, o Grande.

FLUELLEN · Ora, por opséquio: grosso e grande não é a mesma coisa? O grosso, ou o grande, ou o poderoso, ou o imenso, ou o magnânimo, é tudo uma coisa só, com pequena variação na frase.

GOWER · Penso que Alexandre, o Grande, nasceu na Macedônia; seu pai se chamava Filipe da Macedônia, segundo penso.

FLUELLEN · Creio que foi mesmo na Macedônia que Alexandre nasceu. Digo-vos, gabitão, que se abirdes um mapa do mundo, e comparardes Macedônia e Monmouth achareis que as situações, ora vede, são semelhantes. Há um rio na Macedônia e há também um em Monmouth: chama-se Wye de Monmouth; mas neste momento não tenho no cérepro o nome do outro rio. Pouco importa: é como se fossem um só, igualzinhos como estes dedos, sendo certo que há salmão em ambos. Se estudardes bem a vida de Alexandre,

vereis que a de Henrique de Monmouth se lhe assemelha indiferentemente bem, porque em todas as coisas há semelhanças. Alexandre — Deus o sabe, como vós também o sabeis — em suas raivas, em suas fúrias, em seus acessos, em suas cóleras, em seus humores, em seus desgostos, em suas indignações e, também, por ter ficado um

pouco intoxicado no cérepro, em suas cervejadas e nos seus arrebatamentos, ora vede, matou o seu melhor amigo, Clito.

GOWER · Nisso o nosso rei não se parece com ele, porque não matou nenhum dos seus amigos.

FLUELLEN · Não fica bem, tomai nota do que vos digo, tirardes-me da boca as histórias, antes de eu as ter contado e concluído. Estou falando por metáforas e gombarções: assim como Alexandre matou o seu amigo Clito, por estar em suas canecas e em suas cervejas, assim também Henrique de Monmouth, estando em seu juízo perfeito e pom entendimento, expulsou o cavaleiro avantajado, que era repleto de graças e princadeiras,

chacotas e zombarias. Esqueci-me do nome dele.

GOWER · Sir John Falstaff.

FLUELLEN · Esse mesmo. Posso afiançar-vos que em Monmouth nascem pravos cavaleiros.

GOWER · Sua Majestade vem chegando.

(Alarma. Entram o Rei Henrique, com parte das forças inglesas, Warwick, Gloster, Exeter e outros.)

REI HENRIQUE ·

Não me zangara ainda um só momento desde que viera à França. Monta, arauto; toma de uma corneta e corre aqueles cavaleiros que estão no alto do monte.

Se eles quiserem combater conosco, que venham para baixo; do contrário, abandonem o campo; a vista ofendem-nos.

Se o não quiserem, nós iremos a eles como pedras lançadas pelas fundas dos antigos assírios. Além disso, degolaremos nossos prisioneiros, sem que brandura em nós encontrar possa nenhum dos que prendermos. Vai falar-lhes.

(Entra Montjoy.)

EXETER · Eis o arauto francês, meu soberano.

REI HENRIQUE ·

Que é isso, arauto? Acaso não te disse que o meu resgate só seria os ossos?

Voltas para tratar do mesmo assunto?

MONTJOY · Não, grande rei; retorno com o pedido de que nos dêis licença caridosa

de percorrermos o sangrento campo
para que retiremos nossos mortos
e, separados dos comuns os nobres,
lhes demos sepultura. Muitos príncipes
dos nossos — oh desgraça! — mergulhados
e afogados estão em sangue baixo,
como também muitos do vulgo os membros
rústicos banham no cruor dos príncipes.
Os cavalos feridos, atolados
até os machinhos na sangueira extensa,
com suas patas armadas, nos cadáveres
batem dos donos, e de novo os matam.
Oh grande rei, dá-nos licença, agora,
de o campo, sem perigo, percorrermos
e de apartarmos, como disse, os corpos.

REI HENRIQUE · Para falar verdade, arauto, ignoro
se ganhamos o dia ou se o perdemos,
pois ainda galopam pelo campo
muitos dos vossos.

MONTJOY · Não, foi vosso o dia.

REI HENRIQUE ·

Louvado seja Deus, não nosso braço,
por esse resultado. Qual o nome
do castelo que se alça aqui bem perto?

MONTJOY · Azincourt.

REI HENRIQUE ·

Chamaremos, então, a este combate,
batalha de Azincourt, ganha com glória
no dia de Crispim Crispiniano.

FLUELLEN · Vosso avô, de famosa memória,
com licença de Vossa Majestade, e vosso tio-avô,
Eduardo, o Príncipe Negro de Gales, como o ouvi
das crônicas, ganharam uma prava batalha aqui em
França.

REI HENRIQUE · É verdade, Fluellen.

FLUELLEN · Vossa Majestade fala com acerto. Se
Vossa Majestade está lemprado, os galenses fizeram
pom serviço em um jardim em que havia muito alho,
e puseram alho em seus chapéus de Monmouth, o
que ficou sendo, como Vossa Majestade não ignora,
um emblema muito honroso. Penso que Vossa
Majestade não se envergonhará de trazer também
alho no dia de São Tavi.

REI HENRIQUE · Vou pô-lo em meu chapéu, em
sinal de honra, pois sou galense, caro conterrâneo.

FLUELLEN · Nem toda a água do Wye poderá tirar-
vos do corpo o sangue galense de Vossa Majestade,

é o que vos digo. Que Deus o apençoe e o broteja,
tanto tempo quanto for do agrado de Sua Graça e
também de Sua Majestade.

REI HENRIQUE · Muito obrigado, caro conterrâneo.
FLUELLEN · Por Chechus, eu sou gonterrâneo
de Vossa Majestade e não me preocupo de que os
outros o saibam. Confessarei a todo o mundo que
não tenho necessidade de me envergonhar de Vossa
Majestade, Deus seja louvado, enquanto Vossa
Majestade for um homem honesto.

REI HENRIQUE · Deus me conserve assim.

Arautos, ide com ele e me trazei a relação dos mortos
de ambas as partes.

(Saem Montjoy e outros.)

(Apontando para Williams.) · Chamai-me aquele
camarada.

EXETER · Soldado, aproxima-te do rei.

REI HENRIQUE ·

Soldado, por que motivo trazes essa luva
no chapéu?

WILLIAMS · Com licença de Vossa Majestade, é
penhor de um indivíduo com quem eu hei de me
bater, no caso de estar ele vivo.

REI HENRIQUE · Inglês?

WILLIAMS · Sim, com licença de Vossa Majestade,
um maroto que na noite passada se excedeu em
conversa comigo. Se não morreu e vier reclamar
esta luva, jurei que hei de dar-lhe uma bofetada; ou
então, no caso de o encontrar com a minha luva
no chapéu — o que ele jurou fazer, por sua fé de
soldado, enquanto estivesse vivo —, hei de dar-lhe
uma tunda de mestre.

REI HENRIQUE · Capitão Fluellen, que pensais
sobre o caso: deve este soldado cumprir o que
prometeu?

FLUELLEN · Com licença de Vossa Majestade, se
o não fizer, será um covarde e vilão; afirmo-o em
consciência.

REI HENRIQUE · Pode dar-se o caso de ser o seu
adversário um gentil-homem de alta nobreza, muito
acima de sua posição para poder aceitar o desafio.

FLUELLEN · Ainda que ele fosse tão pom fidalgo
como o diapo, o próprio Lúcifer e Pelcepu, é preciso,
tome nota Vossa Graça do que estou dizendo, que
ele mantenha seu voto e juramento. Se ficar perjuro,
vede agora, sua reputação seria a do mais consumado
velhaco, e do mais desprezível João-ninguém, cujos

sapatos pretos hajam calçado o solo de Deus e sua terra, em minha consciência, lá!

REI HENRIQUE · Nesse caso, meu velho, quando encontrares essa pessoa, faz o que prometeste,

WILLIAMS · É o que pretendo fazer, meu soberano, se não morrer.

REI HENRIQUE · Com quem estás servindo?

WILLIAMS · Com o Capitão Gower, meu soberano.

FLUELLEN · Gower é um excelente gabitão e possui pons conhecimentos sobre a literatura da guerra.

REI HENRIQUE · Vai chamá-lo, soldado.

WILLIAMS · Pois não, meu soberano.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE · Aproxima-te, Fluellen. Fica tu com este penhor e coloca-o no chapéu. Quando eu e Alençon caímos, ao lutarmos, tirei-lhe esta luva do capacete; para que alguém a reclame, é preciso que seja amigo de Alençon e, por conseguinte, inimigo de nossa pessoa. Se me tens amizade, prende esse homem onde quer que o encontres.

FLUELLEN · Vossa Graça me concede a maior honra que poderia ser almejada no gorção de vossos súditos. Já desejo encontrar o homem de duas pernas que se mostre ofendido à vista desta luva, é só o que eu digo. Sim, desejo encontrá-lo; Deus e sua graça permitam que o consiga.

REI HENRIQUE · Conheces Gower?

FLUELLEN · Com licença de Vossa Majestade, somos amigos íntimos.

REI HENRIQUE ·

Então vai procurá-lo, por obséquio, e leva-o à minha tenda.

FLUELLEN · Vou já buscá-lo.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE ·

Caro irmão Gloster e milorde de Warwick, segui Fluellen de perto, porque a luva que eu lhe dei como raro distintivo, pode uma bofetada ocasionar-lhe. Segundo o apalavrado, eu deveria trazê-la no chapéu. Bom primo de Warwick, acompanhai-o; caso esse soldado o esbofeteie — seu modo decidido me diz que ele fará quanto promete — poderá resultar dano imprevisto.

Considero Fluellen valente e bravo; quando encolerizado, é como pólvora: responde rápido a qualquer ofensa. Acompanhai-os, para que não haja entre eles nenhum dano a lastimar-se. Vinde comigo, meu bom tio de Exeter.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena VIII

Diante do pavilhão do Rei Henrique.

Entram Gower e Williams.

WILLIAMS · Aposto como é para vos fazer cavaleiro, capitão.

(*Entra Fluellen.*)

FLUELLEN · Pela vontade de Deus e seu brazer, gabitão, concito-vos a ir depressa à presença do rei. Talvez haja para vós em perspectiva mais penefícios do que possa sonhar vosso conhecimento.

WILLIAMS · Sabeis que luva é esta, senhor?

FLUELLEN · Se eu sei que luva é essa? Sei que a luva é uma luva.

WILLIAMS · Pois eu estou reconhecendo essa aí, e a reclamo como sendo minha.

(*Dá-lhe uma bofetada.*)

FLUELLEN · Pelo sangue de Deus! tu és o maior traidor do mundo universal, da França e da Inglaterra.

GOWER · Que significa isso, maroto?

WILLIAMS · Querfeis que eu me tornasse perjuro?

FLUELLEN · Afastai-vos, gabitão Gower; vou pagar-lhe a traição com boas bauladas, posso asseverar-vos.

WILLIAMS · Não sou traidor.

FLUELLEN · Mentas pela garganta! Em nome de Sua Majestade, eu vos intimo a prendê-lo; é um amigo do Duque de Alençon.

(*Entram Warwick e Gloster.*)

WARWICK · Que é isso? Que é isso? Que foi que aconteceu?

FLUELLEN · Milorde de Warwick, eis aqui —

louvado seja Deus por tal acontecimento! — a mais contagiosa traição que já se esclareceu, ora vede, como seria de desejar em um dia de verão. Aí vem vindo Sua Majestade.

(Entram o rei e Exeter.)

REI HENRIQUE · Então, que foi que aconteceu?

FLUELLEN · Meu soberano, aqui está um vilão e traidor, tome nota Vossa Graça, que deu na luva que Vossa Majestade tirou do capacete de Alençon.

WILLIAMS · Meu soberano, essa luva é minha e esta aqui é a sua companheira; aquele com quem eu fiz a troca prometeu trazê-la no chapéu, tendo-me eu comprometido a esbofeteá-lo, se ele tal fizesse. Ora, havendo encontrado este homem com minha luva, fiz o que tinha prometido.

FLUELLEN · Agora Vossa Majestade pode ver — salvo o respeito devido a Vossa Majestade — como este sujeito é um arrematado velhaco, um miserável e piolhento. Espero que Vossa Majestade confirme e ateste e me sirva de testemunha em como esta é a luva de Alençon que Vossa Majestade me deu, em toda consciência.

REI HENRIQUE · Soldado, dá-me a tua luva; olha aqui a sua companheira.

Realmente, foi em mim que prometeste dar uma bofetada, usando termos violentos por demais e indecorosos.

FLUELLEN · Seja agora do agrado da vossa majestade permitir que ele responda a isso com o pescoço, no caso de ainda haver lei marcial no mundo.

REI HENRIQUE · Que satisfação, agora, me apresentas?

WILLIAMS · Milorde, todas as ofensas vêm do coração; mas do meu não saiu nenhuma que pudesse magoar Vossa Majestade.

REI HENRIQUE · Nós somos o que tu ofendeste.

WILLIAMS · Naquele momento Vossa Majestade não se apresentava como vós mesmo, mas como um indivíduo qualquer. Sirvam-me de morte e testemunha vossas vestes de então e vossa aparência simples. Peço a Vossa Majestade atribuir a vossa própria falta o que sofreu sob essa forma. Se tivésseis sido a pessoa por quem eu vos tomara, eu não teria cometido nenhuma falta. Por isso, suplico a Vossa Alteza que me perdoe.

REI HENRIQUE · Tio, enchei de coroas esta luva e a dai a este rapaz. Conserva-a, amigo; em sinal de honra, traze-a no chapéu, até que eu mesmo venha reclamá-la.

Dai-lhe as coroas. Capitão Fluellen, agora precisais fazer as pazes.

FLUELLEN · Por este dia e por esta luz, este camarada tem fogo na barriga. Aceitai de minha parte estes dez pence. Peço-vos que sirvais a Deus e que evitais disbutas, prigas e falatórios, o que para vós será muito melhor, posso asseverar-vos.

WILLIAMS · Não quero o vosso dinheiro.

FLUELLEN · É dado de bom coração; posso garantir-vos que servirá para consertar os sapatos. Vamos; por que tantos escrúpulos? Vossos sapatos não estão em bom estado; o xelim é bom, posso asseverar-vos; mas, se tendes alguma dúvida poderei trocá-lo.

(Entra um arauto inglês.)

REI HENRIQUE ·

Foi feita, arauto, a relação dos mortos?

ARAUTO · A dos franceses já foi feita; é esta.

(Entrega-lhe um papel.)

REI HENRIQUE ·

Meu tio, quais os nobres prisioneiros?

EXETER · O sobrinho do rei, Carlos de Orleans; João de Bourbon, senhor de Bouciqualt, e mais mil e quinhentos gentis-homens, barões, e cavaleiros, e escudeiros, sem se falar da gente sem nobreza.

REI HENRIQUE ·

Fala esta nota de dez mil franceses que ficaram no campo de batalha.

De príncipes, incluídos neste número, e nobres com bandeira, estão sem vida ao todo cento e vinte e seis. A esses acrescentai agora os cavaleiros, escudeiros e bravos gentis-homens, num total de oito mil e quatrocentos, dos quais quinhentos tinham sido armados cavaleiros na véspera, de forma que nos dez mil perdidos só se achavam mil e seiscentos mercenários. Eram príncipes os demais, barões, fidalgos, senhores, escudeiros, gente, em suma, de sangue e qualidade. Dos mais nobres

tombados em combate, eis alguns nomes:
o grande Condestável Delabreth,
Jaques de Chatillon, grande almirante
da França; o comandante dos besteiros,
Lorde Rambures; o bravo Sir Guiscard
Delfim, grão-mestre; o Duque de Alençon;
Antônio, Duque de Brabant, irmão
do Duque de Borgonha; e Eduardo, Duque
de Bar. De condes valorosos, temos:
Grandpré e Roussi; Beaumont e Faulconberg;
Foix e Lestrade; Marle e Vaudemont.
Que real sociedade a Morte fez!
Onde está a lista dos ingleses mortos?

(O arauto entrega outro papel.)

Eduardo, Duque de York; mais o Conde
de Suffolk; Sir Ricardo Ketly e, ainda,
Davi Gam, escudeiro. Da nobreza,
mais ninguém, e somente vinte e cinco
dos demais homens. Deus, teu braço, apenas,
teve parte em tudo isso. A ele, somente,
não a nós, atribuímos a vitória.
Onde, em que tempo, sem traição nenhuma,
num choque leal, numa batalha franca,
se viu tão grande e tão pequena perda

de um lado e de outro? Aceita, Oh Deus, louvores,
porque tudo é obra tua.

EXETER · É admirável!

REI HENRIQUE ·

Vamos à aldeia em procissão. Proclame-se
que será condenado à pena máxima
quem se orgulhar do feito, a Deus privando
dos excelsos louvores que lhe cabem.

FLUELLEN · Será legal dizer, com permissão de
Vossa Majestade, o número dos mortos?

REI HENRIQUE ·

Sim, capitão, porém reconhecendo
que Deus lutou por nós.

FLUELLEN · Realmente, em consciência, ele nos
ajudou muito.

REI HENRIQUE ·

Observemos os ritos consagrados;
cantemos um *Non vobis* e um *Te Deum*;
com caridade os mortos sepultemos.

Depois, para Calais; daí, sigamos
para a Inglaterra. À pátria, sorridente,
nunca veio da França tanta gente.

(Saem.)

Prólogo

Entra o Coro.

CORO ·

Permitam-me os que a história ainda não leram
que os ponha a par do que houve. Aos que a conhecem,
humildemente peço me desculpem
no que tem relação com o tempo, o número
e o curso regular de tudo quanto
não pode ser aqui representado
com sua vida própria e grandiosa.
Vamos levar o rei para Calais;
dali, depois de contemplá-lo um pouco,
transportai-o, com vossos pensamentos
alados, pelo mar. Certificai-vos,
agora, de que a praia da Inglaterra
nas ondas apresenta estacas vivas,
de homens, mulheres e crianças, cujas
altas exclamações o ruído abalam
da forte voz do mar, que, na maneira

de um potente pioneiro, abre o caminho
para passar o rei. Vede-lo em terra,
e, já agora, seguir solenemente
para Londres. Tão rápida é a carreira
do pensamento, que nesta hora mesma
podeis vê-lo em Blackheath, onde seus nobres
a honra lhe solicitam de levarem
através da cidade o elmo amassado
e a espada arqueada, o que ele não consente
por ser de todo isento de vaidade,
de si tirando as honras do alto feito,
os emblemas e a glória, para dá-los
a Deus unicamente. Agora vede
na oficina e na forja azafamada
do pensamento o modo por que Londres
derrama os cidadãos. Eis o prefeito
com os vereadores, em custosas vestes,
como na antiga Roma os senadores,
tendo um enxame de plebeus no rasto,

quando iam receber o grande César.
O mesmo se daria, em mais modesta
comparação, porém não menos grata,
se agora o general da nossa boa
imperatriz — o que há de ser em breve —
viesses da Irlanda e a rebelião trouxesse
na espada atravessada. Quanta gente
deixaria a pacífica cidade
para saudá-lo! Muito mais, com causas
mais sobejas, o fazem para Henrique.
Considerai-o já chegado a Londres,
que as lamúrias infindas dos franceses

a demorar-se na cidade o invitam,
a favor dos franceses interpondo-se
o imperador, para que paz firmassem.
Ora passai por cima do que possa
ter-se dado até que Harry novamente
voltasse para a França. É ali que o temos
de colocar, que o tempo intermediário
já vos foi relatado, ao relembrar-se
quanto havia ocorrido. E ora que tudo
de novo reavivastes na lembrança,
retornai sem demora para a França.

(Sai.)

Ato V · Cena I

*França. No corpo da guarda inglesa.
Entram Fluellen e Gower.*

GOWER · Sim, está certo. Mas por que razão ainda
trazeis esse alho? Já passou o dia de São Davi.
FLUELLEN · Em todas as coisas há ocasiões e
causas, porquê e por conseqüências. Vou dizer-vos
uma coisa, Gabitão Gower, na qualidade de amigo:
o velhaco, desprezível, tihoso, piolhento, miserável,
o fanfarrão Pistola, que vós, convosco e o mundo
inteiro, sabeis perfeitamente, ora vede, não passar de
um sujeito sem merecimento, procurou-me ontem
e me deu pão e sal, ora vede, aconselhando-me a que
comesse o meu alho. Isso se passou em lugar em que
não me era possível brigar. Mas decidi andar com
alho no chapéu até o encontrar de novo, para lhe
dizer uma bequena parte do meu desejo.
GOWER · Aí vem ele, tão cheio como um peru.
FLUELLEN · Pouco me importam os seus
enchimentos de peru e seus estouros. Deus vos
apençoe, Borta-pandeira Pistola, velhaco sarnento e
piolhento, Deus vos apençoe.
PISTOLA · Vieste de Bedlam, baixo e vil troiano?
Desejas que eu te corte o fatal fio
da Parca temerosa? Ide depressa;
causa-me engulhos esse cheiro de alho.
FLUELLEN · Eu vos sublico de coração, velhaco
tihoso e piolhento, que à minha betição e à minha
requesta comais agora este alho. É justamente, ora
vede, por não gostardes de alho e não combinarem

com ele vossas afeições, e vossos abetites, e vossas
digestões, que eu desejo que o comais.
PISTOLA · Não! Nem por Cadwallader e seus bodes.
FLUELLEN (*dá-lhe uma bofetada*) · Então, fica com
este bode. E agora, não queres ter a bondade, maroto
sarnento, de comer o meu alho?
PISTOLA · Vais morrer, vil troiano.
FLUELLEN · Dizeis a verdade, maroto sarnento;
vou morrer, quando Deus o permitir. Mas enquanto
isso não se dá, desejo que tenhais vida e que deveis
vossas vitualhas. Vamos, eis aqui mais um pouco
de molho, para dar bom paladar. (*Bate-lhe de novo.*)
Chamastes-me ontem de escudeiro montanhês;
pois hoje eu vou fazer-vos escudeiro do chão raso.
Por opséquio, comi. Já que sabeis zombar do alho,
podeis também comê-lo.
GOWER · Basta, capitão; deixaste-lo atordoado.
FLUELLEN · Prometi que havia de oprigá-lo a comer
um pedaço do meu alho, ou durante quatro dias lhe
pateria na cabeça. Vamos, mordei, por obséquio:
é muito bom para feridas recentes e para cabeça
quebrada.
PISTOLA · É preciso que eu morda?
FLUELLEN · Sim, decerto; é fora de dúvida, e de
questões, e de ampigiúidades.
PISTOLA · Por este alho: terrível, oh, terrível vai ser
minha vingança. Mordo, mordo, mas faço o juramento...
FLUELLEN · Mais um pouco, por obséquio.
Quereis mais molho para o vosso alho? Não é muito
alho para juramentos.

PISTOLA · Deixa em repouso esse bastão; bem vês que já estou comendo.

FLUELLEN · É muito pom para ti, maroto piolhento, digo-o de coração. Não, não é para perder nada; a casca é muito poa, também, para capeça quebrada. Daqui em diante, quando vires algum alho, zomba dele, por opséquio, é só o que eu digo.

PISTOLA · Bom.

FLUELLEN · É isso mesmo; alho é muito pom. Esperai um pouco: aqui tendes um vintém para curardes a cabeça.

PISTOLA · Um vintém para mim?

FLUELLEN · Sim, decerto e em verdade, tereis de ficar com ele; do contrário, sereis obrigado a comer o outro alho que eu tenho aqui no bolso.

PISTOLA · Está bem; aceito o vosso vintém como penhor da minha vingança.

FLUELLEN · Se eu vos ficar devendo mais alguma coisa, pagarei em pastonadas; passareis a ser negociante de madeiras, que só me compra pastonadas. Deus vos acompanhe e conserve e vos cure a cabeça.

(Sai.)

PISTOLA · Todo o inferno vai se movimentar por causa disso.

GOWER · Ide embora logo! Não passais de um velhaco, de um impostor sem coragem.

Quereis zombar de uma tradição vetusta, fundada em um fato honroso, perpetuada como troféu memorável da bravura de nossos antepassados, e não tendes coragem de sustentar o que dizeis. Já vos vi, por duas ou três vezes, zombar deste gentil-homem. Porque ele não sabe falar inglês com a elegância dos nativos, imaginastes que por isso ele não sabia manejar um bastão inglês. Mas já vos convencestes do contrário. Com esse corretivo galense aprendei a vos comportardes daqui por diante como inglês. Passai bem.

(Sai.)

PISTOLA · Como! A Fortuna agora me maltrata? Tive notícia de que a minha Nell morreu num hospital, de mal da França. Assim, meu rendez-vous ficou fechado. Estou ficando velho; destes membros cansados foi a honra desancada. Pois então vou tornar-me alcoviteiro, tirando alheias bolsas com mão hábil; voarei para a Inglaterra, onde há de tudo voar para o meu bolso. Porei logo grandes emplastos nestas pisaduras, para afirmar na pátria muitas vezes que as adquiri na guerra com os galeses.

(Sai.)

Ato V · Cena II

Troyes, na Champanha. Sala no palácio do Rei da França. Entram, por um lado, o Rei Henrique, Bedford, Gloster, Exeter, Warwick, Westmoreland e outros nobres; pelo outro, o Rei da França, a Rainha Isabel, a Princesa Catarina, Alice e outras damas de companhia; o Duque de Borgonha e seu séquito.

REI HENRIQUE · Haja paz neste círculo, reunido para esse fim. A nosso irmão da França, a nossa irmã, saúde e belos dias; a nossa real e incomparável prima Catarina, bons votos e alegria; ao ramo da realeza aqui reunida, por quem foi concertada esta assembléia, o Duque de Borgonha, nós saudamos. Aos fidalgos e príncipes, saúde!

REI DA FRANÇA · Muito me alegra o rosto contemplar-vos, digno irmão da Inglaterra. Sois bem-vindo, como vós todos, príncipes ingleses.

RAINHA ISABEL · Possa acabar alegre este bom dia, caro irmão da Inglaterra, e esta graciosa reunião, como alegre nós estamos por ver os vossos olhos, esses olhos que até há bem pouco, quando se viravam para os franceses, só lançavam balas fatais de basiliscos assassinos.

Quero crer que o veneno tão temido de vosso olhar perdesse toda a força, porque as dores e lutas, de ora em diante, em afeição sincera se transformem.

REI HENRIQUE ·

Foi para dizer Amém que aqui viemos.

RAINHA ISABEL · Eu vos saúdo, príncipes ingleses.

BORGONHA · O meu amor e o meu dever a ambos,
Oh grandes reis da França e da Inglaterra!

Esforcei-me, valendo-me dos meios
em meu poder, com toda a diligência,
sem me furtar a nada, porque Vossas
Imperiais Majestades se encontrassem
nesta real conferência: eis o que espero
ver por Vossas Altezas confirmado
de ambos os lados. Mas, uma vez tendo
prevalcido tanto os meus esforços,
a ponto de ora vos cumprimentardes
frente a frente, olhos reais em olhos reais,

não me leveis à conta perguntar-vos
diante desta assembléia principesca,
que impedimento, que dificuldade,
que obstáculo se opõe a que a coitada
da Paz, a Paz despida e mutilada,
cara nutriz das artes, da abundância,
das gerações alegres, o semblante
gracioso mostre nos jardins mais belos
de todo o mundo, esta fecunda França?
Ail! Ela foi da França, há muito, expulsa.

Amontoados se encontram os produtos
da agricultura, apodrecendo todos
no próprio excesso da fertilidade;
suas vinhas, alegre estimulante
dos corações, abandonadas morrem;
as sebes bem tratadas, ora se acham
no jeito dos proscritos, como selvagens
cabeleiras de ramos em desordem;
nas terras descansadas medra o joio,
propaga-se a cicuta e a produtiva
fumária, enferrujando-se os arados
feitos para arrancar ervas daninhas;
os prados, que geravam noutros tempos
a primavera matizada, o verde
trifólio, a pimpinela, pela falta
de foice e tratamento, exuberantes,
concebem no ócio, dando à luz apenas
cardo silvestre, azedas detestáveis,
cicuta e urtiga, do nativo encanto
defraudados e, assim, da utilidade:
e como as vinhas, prados, campos, sebes,
faltos de trato tornam-se selvagens,

assim nossas famílias, nossos filhos
e nós próprios perdemos, ou deixamos
de aprender, por não termos tido tempo,
todas as ciências que o ornamento grato
deviam constituir de nossa terra;
crescemos como brutos, quais soldados
que em sangue, só, meditam, não cuidando
senão de juramentos, de carrancas,
vestes desordenadas e de tudo
que pareça contrário à natureza.

É para conquistarmos novamente
nosso primeiro aspecto que aqui estamos.
Meu discurso, em resumo, tem por móvel
pedir que me digais por que motivo
desfazer não consegue a Paz graciosa
esses inconvenientes e, de novo,
seus primitivos dons não nos concede.

REI HENRIQUE · Se desejais, milorde de Borgonha,
essa paz, cuja ausência é causadora
de todos os defeitos que citastes,
força será comprá-la, concordando
com as nossas exigências todas justas.

Nas mãos as tendes, brevemente expostas,
em conjunto e minúcias importantes.

BORGONHA · O rei já as recebeu; mas até agora
ainda não deu resposta.

REI HENRIQUE · Nesse caso,
a paz por que anelais depende disso.

REI DA FRANÇA · Examinei por cima esses artigos,
não faz muito. Se Vossa Graça, agora,
nomear alguns dos vossos conselheiros
para uma conferência, com mais calma
os examinaremos e, depressa,
se seguirá nossa resposta clara.

REI HENRIQUE ·
Concordamos, irmão. Ide, tio Exeter,
e vós também, irmãos Clarence e Gloster;
Warwick e Huntingdon, ide com o monarca.

Dispondes de poderes irrestritos
para ratificar, se o resolverdes,
aumentar ou alterar, conforme vossa
sabedoria achar mais vantajoso
para nosso prestígio e dignidade,
quanto se acha contido nos artigos,
pois antecipadamente concordamos
com tudo o que fizerdes. Cara irmã,
ficais conosco, ou quereis ir com os príncipes?

RAINHA ISABEL ·

Gracioso irmão, irei também com eles. Quem nos dirá que um voto feminino não produza algum bem numa assembléia em que tantos artigos de importância discutidos vão ser?

REI HENRIQUE · Conosco fica nossa graciosa prima Catarina. Constitui ela a imposição precípua que a lista dos artigos encabeça.

RAINHA ISABEL ·

Damos-lhe permissão.

(Saem todos, com exceção do Rei Henrique, Catarina e Alice.)

REI HENRIQUE · Oh Catarina, formosa das formosas, quererias a um soldado ensinar expressões ternas que acolhida achar possam nos ouvidos de uma mulher, para de amor sincero falar-lhe ao coração bondoso e meigo?

CATARINA · Vossa Majestade vai rir parra mim, porque mim não saber vossa Inglaterra.

REI HENRIQUE · Oh bela Catarina, se quiserdes amar-me sinceramente com vosso coração francês, acharei encantador ouvir-vos declarar isso mesmo de qualquer jeito na vossa língua inglesa. Amas-me de veras, Kate, como eu a ti?

CATARINA · Pardonnez moy, mas mim não saber o que quer dizer “como eu”.

REI HENRIQUE · Um anjo é como tu és, Catarina, e tu és como um anjo.

CATARINA · Que dit-il? Que je suis semblable à les anges?

ALICE · Oui, vrayment, sauf vostre grace, ainsi dit-il.

REI HENRIQUE · Foi isso mesmo que eu disse, Catarina, e não enrubesço ao repeti-lo.

CATARINA · O bon dieu! les langues des hommes sont pleines de tromperies.

REI HENRIQUE · O que foi que ela disse, bela menina? Que a língua dos homens é cheia de decepções?

ALICE · Oui, a princesa tem falado que a língua parra os homens ter muitas enganações.

REI HENRIQUE · Das duas, a princesa ainda é a melhor inglesa. Realmente, Kate; a minha maneira de fazer declaração de amor está de acordo com

o que podes compreender. Fico contente por ver que não compreendes inglês, que, do contrário, vendo em mim um rei tão vulgar, tu poderias pensar que eu havia vendido a minha herdade para comprar uma coroa. Desconheço as frases alambicadas dos namorados; tudo o que posso dizer-te é simplesmente: Amo-te. Se apertares comigo, perguntando se há sinceridade nas minhas palavras, não saberei mais o que dizer. Vamos, responde-me com franqueza; apertemos as mãos e negócio feito. Que dizeis a isso, minha senhora?

CATARINA · Sauf vostre honneur, mim compreender bem.

REI HENRIQUE · Por Deus, Kate, eu estaria perdido, se fosse obrigado a escrever versos em vosso louvor, ou a dançar para vos ser agradável. Para os primeiros, faltam-me rimas e medida; com relação à dança, sei que não sou forte no compasso, muito embora seja forte de verdade. Se me fosse possível conquistar uma dama com saltos de jogo de carneira, ou subindo para a sela de um só pulo, completamente armado, modéstia à parte, arranjaria depressa uma consorte. Ou, ainda, se fosse necessário trocar murros por causa de meu amor, ou fazer piruetas com o cavalo para lhe conquistar as graças, eu brigaria como um açougueiro e montaria como um macaco, sem despregar-me da sela. Mas podes crer no que eu digo, Kate: não sei fazer olhos morteiros, ignoro a arte de falar com eloquência e não me sinto com a habilidade precisa para acumular protestos e juramentos; só sei empenhar a palavra, quando a isso me vejo obrigado, sem que por nada no mundo deixe de cumpri-la. Se puderes, Kate, amar um tipo desse temperamento, cujo rosto não merece ser queimado pelo sol, que jamais olha para um espelho só pelo prazer de contemplar o que possa aparecer nele, permite que os teus olhos o preparem para teu regalo. Falo-te como soldado; se puderes amar-me tal como sou, aceita-me; caso contrário, dizendo-te que morrerei, falarei a verdade; mas, juro por Deus, que não seria por tua causa. Mas a verdade é que te amo realmente. Aceita, querida Kate, para enquanto viveres, um homem de coração sincero e sem artifício, que, forçosamente, há de ser-te fiel, por carecer de habilidade de fazer a corte em outros lugares, porque esses tipos de língua sempre em movimento, que sabem insinuar-se no ânimo

das mulheres, acham sempre jeito para fugirem ao compromisso. Todo orador é parlapatão; a poesia, simples balada; a mais resistente perna termina por encurvar-se, o dorso mais empertigado se inclina, a barba negra torna-se branca, a cabeça cheia de cachos acaba ficando calva, o rosto belo cobre-se de rugas, os olhos se esvaziam, mas um coração sincero, Kate, é o sol e a lua, ou melhor: o sol, apenas, não a lua, porque brilha sempre, sem se modificar nem se desviar de sua rota. Se desejas um marido desse jeito, toma-me; se me tomas, tomas um soldado; tomando um soldado, tomas um rei. E agora, como achas o meu amor? Responde-me, Oh bela, com sinceridade.

CATARINA · Poderei amar o inimigo da França?

REI HENRIQUE · Não, Kate, não podes amar o inimigo da França; mas, amando-me, amarás o amigo da França, porque eu amo a França de tal modo, que não me conformo com perder uma só de suas aldeias: desejo-a inteirinha para mim. E então, Kate, quando a França for minha e eu for vosso, a França será vossa e vós sereis minha.

CATARINA · Não compreender isso.

REI HENRIQUE · Não, Kate? Pois vou dizer-te isso mesmo em francês, que, em verdade, ficará suspenso de minha boca como do pescoço do marido uma recém-casada, difícil de ser arrancada. Je quand sur le possession de France, et quand vous avez le possession de moy... Espera um pouco... Que é que vem depois? São Dionísio me ajude!... donc vostre est France et vous êtes mienne. Ser-me-ia mais fácil, Kate, conquistar um reino, a dizer outro tanto em francês. Já vi que nunca poderei abalar-te nessa língua, a não ser para rires de mim.

CATARINA · Sauf vostre honneur, le François que vous parlez est meilleur que l'Anglois lequél je parle.

REI HENRIQUE · Não, Kate, não é verdade; mas falando tu a minha língua, como o fazes, e eu a tua, por maneira tão errônea, forçoso é concordar que ficamos quites. No entanto, Kate, creio que podes compreender ao menos isto: amas-me?

CATARINA · Não sei dizê-lo.

REI HENRIQUE · Poderá dizê-lo, Kate, alguém do vosso séquito? Bem; eu sei que tu me amas; e à noite, quando tu te recolheres para o quarto, conversa com esta senhorita a meu respeito. Tenho certeza, Kate, de que em conversa com ela tu depreciarás justamente as qualidades que mais apreciaste

em mim. Mas sê caridosa, querida Kate, em tua zombaria; tanto mais, gentil princesa, que eu te adoro com furor. Se algum dia tu me pertenceses, Kate — e tenho esperança de que isso há de realizar-se — será de necessidade que tu te reveles uma ótima nutriz de guerreiros, visto eu te haver conquistado num assalto. Será possível que eu e tu, com a ajuda de São Dionísio e de São Jorge, não tenhamos um filho metade francês e metade inglês, que vá a Constantinopla puxar o turco pela barba? Que dizes a isso, minha bela flor-de-lis?

CATARINA · Isso eu sei não.

REI HENRIQUE · Não é assim; mais tarde o saberás. Agora se trata apenas de prometer. Por enquanto é suficiente que me prometas, Kate, que tu te esforçarás quanto te for possível no que respeita à parte francesa do menino; quanto à minha metade inglesa, aceita a palavra de um rei celibatário. Que respondes a isso, la plus belle Katharine du monde, mon très cher et divine déesse?

CATARINA · Vossa Majestade possuir fausse francês bastante para enganar a mais sage demoiselle que ter en France.

REI HENRIQUE · Pois então, fora o meu falso francês! Por minha honra, Kate, e em inglês verdadeiro: amo-te. Mas por essa mesma honra, não me atrevo a jurar que me ames; contudo, alguma coisa no sangue me lisonjeia, dizendo-me que sim, apesar deste rosto tão pouco tentador. Maldita seja a ambição de meu pai; ele pensava em guerra civil no momento de gerar-me. Daí ter eu nascido com esta aparência inflexível, este aspecto de ferro, que infunde medo nas mulheres de que venha a aproximar-me. Mas podes crer-me, Kate, que eu melhorei muito com a idade. Consola-me a idéia de que a velhice, essa maldosa depositária da beleza, não poderá deixar-me mais feio do que sou. Por isso, se me aceitares, aceitar-me-ás no pior estado concebível; mas hás de ver que com o tempo eu hei de melhorar um pouquinho. Agora me responde, belíssima Catarina: aceitas-me como esposo? Ponde de lado esses rubores virginais; deixai que o olhar de uma imperatriz revele os pensamentos do coração. Tomai-me pela mão e dizei-me: “Harry da Inglaterra, pertenço-te”. E logo que me houverdes abençoado o ouvido com essas palavras, eu te direi com voz inteligível: “A Inglaterra é tua, a Irlanda é

tua, a França é tua, e Henrique Plantageneta é teu". E podes crer-me, Kate, que embora eu esteja falando em sua presença, que se ele não for o companheiro do melhor rei, será, decerto, o melhor rei dos bons companheiros. Vamos, responde-me agora em música errada, que a tua voz é musical e o teu inglês errado. Por isso, rainha do mundo, Catarina, quebra o silêncio e diz-me em teu inglês errado: queres-me para esposo?

CATARINA · Isso como ser agradar le roy mon père.

REI HENRIQUE · Há de ser do agrado dele, Kate; há de ser do agrado dele, Kate.

CATARINA · Enton, mim também ficar contente.

REI HENRIQUE · Nesse caso, beijo-vos a mão e vos chamo de minha rainha.

CATARINA · Laissez, mon seigneur, laissez, laissez! Ma foy, je ne veux point que vous abaissez vostre grandeur, en baisant la main d'une vostre indigne serviteur excusez moy, je vous supplie, mont très puissant seigneur.

REI HENRIQUE · Então, Kate, beijarei esses lábios.

CATARINA · Les dames, et demoiselles, pour estre baisées devant leur nocces, il n'est pas la coutume de France.

REI HENRIQUE · Senhora intérprete, que foi que ela disse?

ALICE · Que não é costume das senhoras da França... Eu não sei como se diz "baiser" em inglês.

REI HENRIQUE · To kiss.

ALICE · Vossa Majestade entendre melhor que moy.

REI HENRIQUE · As senhoritas da França não costumam beijar antes do casamento. Foi isso que ela disse?

ALICE · Ouy, vrayment.

REI HENRIQUE · Oh Kate! Os costumes rígidos se curvam diante dos reis. Vós e eu, querida Kate, não nos podemos confinar nos limites acanhados dos costumes de nenhum país. Nós somos os que fazemos os costumes, Kate, e a liberdade de que se goza nossa situação entope aos críticos a boca, tal como vou fazer agora com a vossa, por haverdes invocado o uso de vossa terra para me negardes um beijo. Por isso, paciência e submissão. (*Beija-a.*) Tendes feitiço nesses lábios, Kate; há mais eloquência no seu contacto açucarado do que em todas as línguas do Conselho francês, podendo eles persuadir Henrique da Inglaterra com mais

rapidez do que uma petição de todos os monarcas do mundo. Vosso pai vem chegando.

(*Voltem o rei e a rainha, Borgonha, Bedford, Gloster, Exeter, Warwick, Westmoreland, e outros nobres franceses e ingleses.*)

BORGONHA · Deus guarde Vossa Majestade. Meu real primo, ensinai inglês a nossa princesa?

REI HENRIQUE · O meu intento, caro primo, é fazer-lhe compreender quão ardentemente eu a amo; é inglês legítimo esse.

BORGONHA · E ela, revela jeito para aprender?

REI HENRIQUE · Temos a língua muito dura, primo, não sendo branda minha disposição; por isso, não possuindo nem a voz, nem o coração da adulação, mostro-me incapaz de invocar nela o espírito do amor em toda a sua sinceridade.

BORGONHA · Perdoai a franqueza de minha alegria, se vos replico neste particular. Mas se quiserdes proceder com ela por via de invocação, será preciso, primeiro, traçardes um círculo. No caso de conseguirdes invocar o amor em sua verdadeira forma, ele terá de surgir nu e cego. Ora, podereis censurá-la, nesse caso, sendo ela uma jovem que ainda se mostra corada com o carmesim virginal da modéstia, por permitir que surja um menino nu e cego no âmbito despido de sua visão? É exigir muito de uma virgem, milorde.

REI HENRIQUE · No entanto, as mulheres fecham os olhos e cedem, quando o amor cego insta com elas.

BORGONHA · Nisso consiste a sua melhor desculpa, milorde, porque não vêem o que estão fazendo.

REI HENRIQUE · Nesse caso, meu bom lorde, ensinai vossa prima a consentir fechando os olhos.

BORGONHA · Vou acenar-lhe com os olhos, milorde, para que ela ceda; mas para isso será preciso ensinardes-lhe a compreender o meu pensamento.

As jovens que o verão conserva quentes, são como as moscas de São Bartolomeu, cegas, embora dotadas de olhos, chegando ao ponto de se deixarem tocar até mesmo as que antes evitavam ser vistas.

REI HENRIQUE · A moral desse apólogo me anima a esperar por um verão quente, no fim do qual poderei apanhar a mosca, vossa prima, tornada finalmente cega.

BORGONHA · Tal como o amor, milorde, antes de amar.

REI HENRIQUE · É certo; por isso mesmo deveis

ser gratos ao amor, pela cegueira que me impede de ver muitas e belas cidades da França, por se interpor entre mim e elas uma bela e jovem francesa.

REI DA FRANÇA · Sim, milorde; vós vedes essas cidades em perspectiva, sob a figura de uma jovem, porque todas estão cercadas de muralhas virgens, ainda não violadas pela guerra.

REI HENRIQUE · Kate vai ser a minha esposa?

REI DA FRANÇA · Se isso for do vosso agrado.

REI HENRIQUE · Isso me alegra. As cidades virgens a que vos referistes, formarão o seu cortejo. Desse modo, a jovem que se me atravessou no caminho do desejo, vai apontar o caminho à minha vontade.

REI DA FRANÇA · Concordamos com todas as condições razoáveis.

REI HENRIQUE · É certo, milordes da Inglaterra?

WESTMORELAND ·

O rei nos concedeu todos os pontos: primeiro, a filha; e, após, as demais cláusulas, em seu teor restrito.

EXETER · Somente deixou de subscrever o seguinte: Quando Vossa Majestade exige que o rei da França, sempre que se dirigir a Vossa Majestade em assunto diplomático, use das seguintes expressões: em francês: Notre très cher filz Henry Roy d'Angleterre, Héretier de France; e em latim: Praeclarissimus filius noster Henricus, Rex Angliae, et Haeres Franciae.

REI DA FRANÇA ·

Não me neguei, irmão, a subscrevê-lo, de modo que não possa ser mudada minha resolução por vosso alvitre.

REI HENRIQUE ·

Então deixai, vos peço, como prova da amizade e da aliança ora firmadas, que ao lado dos demais fique esse artigo. E agora dai-me a mão de vossa filha.

REI DA FRANÇA ·

Recebe-a, então, meu filho, e de seu sangue dá-me uma geração, porque os dois reinos rivais, França e Inglaterra, cujas praias de inveja empalidecem à só vista da ventura recíproca, remate ponham à roaz discórdia, e que estas gratas núpcias façam gerar no doce peito dos países aliados sentimentos

de bons vizinhos e cristão acordo, sem que jamais, entre a Inglaterra e a França, esteja a guerra a introduzir a lança.

TODOS · Amém.

REI HENRIQUE ·

Agora, Kate, sê bem-vinda! E como penhor, diante de todos, ora a beijo como a minha legítima rainha.

RAINHA ISABEL ·

Possa Deus, o melhor e mais propício medianeiro de todos os enlaces, unificar os vossos corações e, assim, vossos países. De igual modo que marido e mulher, sendo distintos, o amor os unifica, de igual modo influam nos dois reinos estas núpcias: que a maldade e o cruel ciúme, tão vezeiros em perturbar o leito de benditos enlaces, jamais venham interpor-se no pacto ora firmado, jamais venham promover o divórcio desta aliança; que sigamos assim, futuro além, sempre irmãos. E que Deus nos diga: Amém!

REI HENRIQUE · Aprestemos as núpcias; nesse dia, milorde de Borgonha, tomaremos o vosso juramento e, assim, dos pares, para melhor penhor de vossa aliança. Depois, Kate, faremos uma jura que nos há de selar a fé mais pura.

(Clarins. Saem.)

(Entra o Coro.)

CORO · Assim, com pena inábil e grosseira, o autor aflito arrematou a história, seguindo, humilde, dos heróis na esteira para cópia deixar de tanta glória. Passou depressa a estrela da Inglaterra, mas não se apagará nunca o seu brilho; com a espada conquistou a bela terra que deixou como herança ao real filho. Henrique sexto, em cueiros ainda envolto, subiu ao trono da Inglaterra e França; mas tocou-lhe reinado tão revoltado que da pátria esgotou toda a pujança. Tudo isso já tem sido em cena posto; espero, pois, que nisto achareis gosto.

(Sai)